



Centro Universitário de Brasília
Faculdade de Ciências da Saúde
Curso de Psicologia

Os Reflexos da Separação dos Pais na Personalidade dos Filhos

Brasília
Novembro/ 2003

Juliana Regina Avelar da Nóbrega

Os Reflexos da Separação dos Pais na Personalidade dos Filhos

Monografia apresentada como requisito para conclusão do curso de graduação em Psicologia da Faculdade de Ciências da Saúde do Centro Universitário de Brasília – UniCeub.

Orientadora: Prof^a Dra. Carlene Maria Dias Tenório

Brasília
Novembro/ 2003

*Um encontro de dois: olhos nos olhos, face a face.
E quando estiveres perto, arrancar-te-ei os olhos e
colocá-los-ei no lugar dos meus;
E arrancarei meus olhos
para colocá-los no lugar dos teus;
Então ver-te-ei com os teus olhos
E tu ver-me-ás com os meus.*

(J. L. Moreno, 1914, p. 3)

Agradeço

a meus pais, por todo apoio e paciência nestes árduos dias de trabalho;

aos meus entrevistados, por terem contribuído com toda boa vontade para o desenvolvimento desta monografia;

ao meu namorado, por toda força e carinho que me dedicou, além de ter suportado os longos dias em que voltei a minha atenção exclusivamente para este trabalho;

às minhas queridas amigas, em especial Rosanne e Deyse, pela força, e principalmente, por terem acreditado na realização desta pesquisa;

à Nanda, pela ajuda e atenção;

ao meu querido irmão, por toda influência acadêmica, dedicação, e confiança em mim;

à minha orientadora Carlene Maria Dias Tenório, por toda inspiração, coragem e sabedoria que me foram transmitidas.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	8
DESENVOLVIMENTO	10
1. REVISÃO DA LITERATURA	10
1.1. Abordagem sistêmica: desenvolvimento e principais pressupostos	10
1.2. A influência da separação dos pais na vida dos filhos	16
1.3. Gestalt-Terapia: desenvolvimento, influências, conceitos e pressupostos básicos	30
1.3.1. A Gestalt-Terapia em seu processo de desenvolvimento	30
1.3.2. Influências teórico-filosóficas na Gestalt-Terapia	31
1.3.3. Conceitos e pressupostos básicos	34
1.4. Gestalt-Terapia e Abordagem Sistêmica	35
1.5. A personalidade na perspectiva da abordagem gestáltica	40
1.5.1. Os conceitos de <i>self</i> e de “eu”	40
1.5.2. A definição de personalidade	43
1.5.3. Os mecanismos de bloqueio do contato	44
1.5.4. As tendências para fixação na abertura e no fechamento da fronteira de contato	48
2. METODOLOGIA	50
2.1. A pesquisa qualitativa em seus principais aspectos	50
2.2. Procedimentos Metodológicos	52
2.2.1. Escolha dos sujeitos	52
2.2.2. Processo de coleta de dados	53
2.2.3. Análise dos dados	54
5. RESULTADOS DA ANÁLISE DE CONTEÚDO	56
6.	56
7. DISCUSSÃO	84
CONCLUSÃO	93
APÊNDICE 1	99

APÊNDICE 2	100
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	103

RESUMO

Este trabalho consiste em uma pesquisa sobre os efeitos da separação dos pais na personalidade dos filhos, com base no referencial teórico das abordagens sistêmica e gestáltica. Com o objetivo de pesquisar este tema, foi realizado, inicialmente, um estudo teórico acerca dos conceitos e pressupostos básicos dessas duas abordagens. Em seguida, foram entrevistados dois sujeitos e analisado o conteúdo de seus relatos, no sentido de investigar as experiências vivenciadas no processo de separação de seus pais e a influência destas experiências na formação ou mudança de alguns aspectos de suas personalidades. Na discussão dos resultados, foram apreciadas as semelhanças e diferenças entre os dois sujeitos em suas experiências e traços de personalidade, possibilitando a relação entre estas duas variáveis explicitada na conclusão.

ABSTRACT

This paper is a research about the effects of matrimonial breakup on children's personality based on gestaltic and systemic theories. Iniatially, it was made a theoretical study about the concepts and basic assumptions of those approaches. Then, two individuals were interviewed and their speeches were analysed for identifying life experiences ocurred during the breakup and the influence of these experiences on the constitution or change of some aspects of their personalities. On the 'results' section, we looked for similarities and diferences on their life experiences and aspects of their personalities , which made possible the correlations between these two variables we present on the 'conclusion' section.

INTRODUÇÃO

Este trabalho aborda um tema que tem feito parte da realidade contemporânea: a separação conjugal. Apesar de nos dias de hoje este fato ser muito comum em nossa sociedade, poucos estudos sobre este assunto foram realizados no Brasil, sendo a maioria deles feitos por norte-americanos, os quais se utilizaram da abordagem sistêmica em suas pesquisas.

Nota-se que boa parte destes trabalhos são de caráter quantitativo, o que deixa muito a desejar no que diz respeito à compreensão mais aprofundada e singular dos casos estudados. Outra questão importante é que as pessoas que vivenciam uma separação conjugal parecem despreparadas para este momento tão difícil, o qual envolve mudanças em vários aspectos, tais como econômicos, sociais e psicológicos.

A idéia de desenvolver este trabalho surgiu, também, de uma grande motivação por parte de sua autora, a qual vivenciou o processo de separação de seus pais e neste período teve muitas dificuldades para enfrentar esta problemática, para entender melhor esta experiência de vida e poder, de alguma forma, contribuir para a ampliação do conhecimento a respeito deste processo e de suas conseqüências na vida das pessoas implicadas nele.

Com base nas experiências vividas pela autora desta monografia no decorrer da separação de seus pais, na observação a respeito das mudanças ocorridas em sua própria maneira de ser a partir destas experiências e na leitura de livros que abordam o tema em questão, sentiu-se a necessidade de fazer um estudo teórico-empírico sobre os reflexos da separação dos pais na personalidade dos filhos, com base no referencial teórico das abordagens sistêmica e gestáltica.

De acordo com os pressupostos da metodologia qualitativa, foram entrevistados dois sujeitos, ambos do sexo feminino, que viveram o processo de separação dos pais, com o objetivo de investigar as experiências vivenciadas neste processo e as características de personalidade que, provavelmente, foram influenciadas por estas experiências.

Procurou-se, durante toda a pesquisa, seguir os preceitos da fenomenologia, no intuito de evitar a contaminação de conhecimentos pré-estabelecidos e de preservar a particularidade de cada caso estudado, por acreditar que é a partir da apreciação das diferenças e do singular que podemos alcançar as semelhanças e o universal.

Inicialmente, como revisão de literatura, foi realizado um estudo teórico dos principais conceitos da abordagem sistêmica e um relato das principais pesquisas realizadas a respeito da separação conjugal. Da Gestalt-Terapia foram estudadas as origens, desenvolvimento, influências, no que diz respeito principalmente à personalidade, aos mecanismos de bloqueio do contato e às tendências para abertura e fechamento da fronteira de contato.

Neste estudo, procurou-se utilizar a ótica da abordagem gestáltica, por tratar-se da linha com a qual a autora mais se identifica. Optou-se, também, como metodologia, a pesquisa qualitativa por esta ser essencialmente descritiva e trabalhar com fatos ou fenômenos sem manipulá-los, preservando sua integridade. Como instrumento, foi utilizada uma entrevista semi-estruturada, no intuito de manter a proposta da metodologia qualitativa, explicada por González Rey (2002): “As construções do sujeito diante de situações pouco estruturadas produzem uma informação qualitativamente diferente da produzida pelas respostas a perguntas fechadas, cujo sentido para quem as responde está influenciado pela cosmovisão do investigador que as constrói.” (p.4)

Como resultado do estudo teórico e da análise dos casos investigados, foram descritas as experiências relevantes relacionadas ao processo de separação dos pais e as características de personalidade evidenciadas nos relatos dos sujeitos, após terem sido analisados, comparados e discutidos à luz da teoria sistêmica e gestáltica.

DESENVOLVIMENTO

1. REVISÃO DA LITERATURA

1.1. Abordagem sistêmica: desenvolvimento e principais pressupostos

No final da década de 40 a atuação psicanalítica predominava no campo da psicoterapia. A prática terapêutica caracterizava-se por um modelo intrapsíquico onde as manifestações dos sintomas decorriam de conteúdos reprimidos, mantidos inconscientes. Estabelecia-se uma relação diádica, em que o analista, voltado para um paciente, orientava-se para a busca do conteúdo da história passada, centrado na própria experiência do paciente. (Grandesso, 2000)

A partir de uma posição revisionista contra as teorias psicodinâmicas e a terapia psicanalítica, criou-se um contexto propício para a busca de novos meios de compreensão e tratamento dos dilemas humanos. A principal crítica voltada para o modelo psicanalítico referia-se ao fato de seu enfoque estar voltado para a história passada, mergulhado na experiência interna expressa em seqüências intrapsíquicas. De acordo com essa postura, eram desconsideradas as condições do ambiente como contexto. Houve, ainda, tentativas de alargar as perspectivas do modelo psicanalítico para a antropologia cultural, lingüística e teoria do campo, as quais surgiram dos próprios psicanalistas como Sullivan, Horney, Thompson e Fromm Reichmann. Por outro lado, havia uma insatisfação com os nada animadores resultados dos tratamentos psicoterápicos com populações menos favorecidas, como os pacientes esquizofrênicos e os delinqüentes. Todos esses fatores levaram à possibilidade de uma nova prática clínica, sistematicamente orientada.

Com o advento da teoria sistêmica, em cuja formulação von Bertalanffy se envolveu desse 1930, e da cibernética, proposta como uma nova ciência por Norbert Wiener, na década de 40, configurou-se um sistema de inteligibilidade para uma nova prática psicoterápica, que atendia às demandas do momento histórico.

De acordo com Minuchin (1993/1995), a terapia familiar desafiava a convicção fundamental de que o indivíduo é o centro do universo psicológico: “A terapia familiar desafiou a igualmente apreciada crença na autodeterminação ao iluminar o poder da família. Ela reconheceu homens e mulheres como partes de um todo mais amplo – como subsistemas, mas subsistemas significativos, de sistemas mais amplos. Para o terapeuta familiar, a família é uma unidade, e quando um ou mais membros do sistema apresentam um problema, a família é o lugar de intervenção.” (p.38)

O trabalho inicial voltou-se para pesquisas, na sua grande maioria, e teve como foco famílias com pacientes delinquentes e esquizofrênicos, que já tinham tido problemas com a lei. Essas duas populações tinham em comum o fato de ambas não estarem se beneficiando dos tratamentos convencionais. Entre os que se dedicaram ao trabalho com as famílias de pacientes esquizofrênicos, estavam, nos primórdios da terapia familiar sistêmica, Gregory Bateson, Don Jackson, Weakland, Haley, Bowen, Lidz, Whitaker, Malone, Scheffen e Birdwhistle. Quanto ao trabalho desenvolvido com famílias de filhos delinquentes, o marco inicial pode ser considerado como o grande projeto Wiltwick, desenvolvido por Minuchin, no início da década de 60. Com o trabalho desses dois grupos pioneiros, nesses dois desafiadores campos de dificuldades, o foco da prática terapêutica mudou, assim do indivíduo para a família, com ênfase nas interações entre seus membros. (Grandesso, 2000)

Os teóricos da abordagem sistêmica haviam percebido o erro da abordagem psicodinâmica que fazia do indivíduo o “continente” da patologia, e consideravam que, nesta visão, ignoravam-se as contribuições do contexto relacional – e, particularmente, do mais importante, a família – no qual aconteciam os problemas de comportamento. (Boscolo, Cecchin, Hoffman e Penn, 1993)

Segundo Grandesso (2000), esse contexto em que surgiu a terapia familiar sistêmica foi bem descrito por Anderson (1994): “(...) circunstâncias clínicas e experiências, combinadas com a inefetividade das teorias e técnicas prevalecentes para se transferirem de forma bem-sucedida para essas circunstâncias e experiências, compeliram para uma busca por novas explicações... Um problema e uma procura por compreendê-lo foram o ímã e o catalisador unificante que

uniram os que viriam a ser chamados terapeutas familiares e estabeleceram a arena para a colaboração.” (p. 147-148).

A teoria e práticas sistêmicas remetem a grupos distintos. O pensamento sistêmico proposto por von Bertalanffy, casado com a cibernética, originária das idéias de Wiener no final da década de 40, derivou-se de campos distantes da psicoterapia e até mesmo da psicologia. Sua aplicação à prática clínica deve seus tributos, principalmente a Gregory Bateson, que, partindo do campo da pesquisa, ofereceu um contexto de coerência para a aplicação das formulações dessas duas teorias à prática da psicoterapia.

O surgimento da terapia familiar foi marcado pela interdisciplinaridade, o que favoreceu um diálogo a partir de múltiplas perspectivas. Em um dos pontos centrais estava o olhar do antropólogo Gregory Bateson, já nos primórdios da década de 50. Ao dizer que o observado traz a marca de quem observa, Bateson (1972) antecipou os futuros desenvolvimentos que o próprio campo da terapia familiar viria a conhecer no decorrer de sua evolução para um pensamento pós-moderno. Num contexto psicoterápico, encontravam-se o psiquiatra Don Jackson e a assistente social Virgínia Satir. De fora desse contexto, vieram distintos discursos, como da antropologia por meio de Bateson, da química por meio de Weakland, e da comunicação com Jay Haley. Esse grupo variado permitiu que a terapia familiar se iniciasse como uma polifonia, tentando descrever e explicar os dilemas humanos, dentro do contexto interacional das relações familiares. (Grandesso, 2000)

Embora, sob o mesmo guarda-chuva paradigmático, co-existiram diferentes crenças que resultaram em distintos modelos de terapia familiar, caracterizando diversos sistemas de intelegibilidade. Foi o caso dos modelos **Comunicacional** – Bateson, Haley, Satir e Jackson; **Interacional ou da Terapia Estratégica Breve** – desenvolvido no Mental Research Institute, em Palo Alto; **Estrutural** – Minuchin; **Estratégico** – Haley e Madanes; **Experiencial Simbólico** – Whitaker; **Intergeracional** – Bowen e Borzomeny-Nagy; e **Sistêmico de Milão** – Selvini-Palazzoli, Prata, Cecchin e Boscolo.

As terapias sistêmicas, segundo Grandesso (2000), se definem como um conjunto de práticas não-uniformes, em contínua evolução e “um conjunto de noções (fundamentalmente cibernéticas) que retroalimentam e são retroalimentadas por essas práticas” (Pakman, 1994, p.34). Grandesso (*ibidem*) cita Pakman (1994) e Fried Schnitman & Fuks (1994) ao falar que essa prática foi tão profundamente configurada, tanto pela **teoria geral dos sistemas** como pela

cibernética, que pode ser convenientemente chamada de *sistêmico-cibernética*. Esta autora continua citando Esteves de Vasconcelos (1995), dizendo que no entanto, estudiosos do campo da terapia familiar, preocupados com a precisão conceitual, consideram que as práticas da terapia familiar são sistêmicas, e a epistemologia, cibernética.

Enquanto a teoria geral dos sistemas propunha-se a estudar as correspondências ou isomorfismos entre os sistemas de todo o tipo (Von Bertalanffy, 1975/ 68), a cibernética, originalmente, ocupava-se dos processos de comunicação e controle tanto nos sistemas naturais como nos artificiais (Wiener, 1961/48). (Grandesso, 2000)

Jay Haley (1996/1998), ao descrever a teoria dos sistemas, fala que nem todas as terapias se baseiam em teorias do século XIX, que algumas foram introduzidas na metade do nosso século. Uma nova teoria sobre a origem dos sintomas é a idéia de que a família é um sistema auto-regulador, com o comportamento de seus membros sustentando o sistema. O mesmo autor fala, ainda, que a teoria dos sistemas teve como consequência imediata o abandono da idéia de que o passado é a causa da psicopatologia. De acordo com Haley, essa teoria defende que a situação presente é o ponto crítico na causa da psicopatologia e os sintomas constituem comportamento adequado no contexto social corrente. Nesse sentido, uma vez que o comportamento sintomático é adaptativo e correto para o contexto, mudar tal comportamento exige que a situação social seja alterada. O autor conclui dizendo que com este conceito, nasceu a terapia da família.

Grandesso, 2000, cita alguns conceitos básicos, definidores dos sistemas, nos quais a terapia sistêmica da família se organizou:

- **Globalidade:** todo e qualquer sistema comporta-se como um todo coeso. Assim, uma mudança em uma parte do sistema provoca mudança em todas as outras partes e no sistema como um todo.
- **Não-somatividade:** um sistema não pode ser considerado como a soma de suas partes. Este princípio implica que se considere o todo, na sua complexidade e organização, em detrimento de suas partes.
- **Homeostase:** defini-se como um processo de auto-regulação que mantém a estabilidade do sistema, protegendo-o das mudanças que podem destruir sua organização, preservando seu funcionamento.
- **Morfogênese:** consiste na característica dos sistemas abertos, de absorver *inputs* do meio e mudar sua organização.

- **Circularidade:** a interação entre os componentes de um sistema manifesta-se como uma seqüência circular, de modo que a relação entre quaisquer de seus elementos é bilateral. Enquanto o pensamento linear postulava uma causalidade do tipo de uma implicação lógica – se A, então B ($A \rightarrow B$) –, o pensamento sistêmico resultou em uma bidirecionalidade do tipo – se A, então B e se B, então A ($A \leftrightarrow B$). Dentro desse pressuposto de causalidade circular, a ordem dos fatores não altera o produto.
- **Retroalimentação ou *feedback*:** esta é a característica do sistema que garante o seu funcionamento circular. Os mecanismos de *feedback* garantem a circulação da informação entre os componentes do sistema. Enquanto os *feedbacks* negativos funcionam para manter a homeostase sistêmica, os *feedbacks* positivos respondem pela mudança sistêmica ou morfogênese.
- **Eqüifinalidade:** um sistema aberto apresenta uma organização definida que garante os resultados de seu funcionamento, independentemente de qual tenha sido o ponto de partida. Enquanto nos sistemas fechados o estado de equilíbrio do sistema é dado pelas condições iniciais, no sistema aberto o estado de equilíbrio é determinado pelos parâmetros do sistema, independentemente do tempo e das condições iniciais. Decorre daí que diferentes condições iniciais geram o mesmo resultado, da mesma forma que diferentes resultados podem ser gerados pela mesma “causa” (Watzlawick et al., 1967).

Grandesso (2000), integra esses conceitos concluindo da seguinte maneira: “Estruturada em torno desses conceitos, a terapia familiar sistêmica considerava a família como um **sistema aberto**, mantendo uma **interdependência** entre seus membros (globalidade) e com o meio, no que dizia respeito às trocas de **informação**, usando de recursos de **retroalimentação** para manutenção de sua **estabilidade** (organização). Do ponto de vista sistêmico, pode-se falar, portanto, em uma **homeostase** familiar, obtidas por meio de regras que governam as transações da família”. (p.121)

Assim sendo, o sintoma de um indivíduo era considerado como porta-voz da disfunção da família, funcionando como um mecanismo homeostático para restabelecer o equilíbrio do sistema perturbado.

Segundo Minuchin (1993/1995): “A terapia familiar pode ser considerada como uma abordagem de tratamento dos problemas humanos que reconcilia as famílias para ajudá-las a

trabalhar com os conflitos em sua fonte. Mas ela é também uma nova abordagem para entender o comportamento humano como fundamentalmente formado pelo seu contexto social”. (p.37)

Esse mesmo autor diz que os terapeutas familiares reconhecem a força do passado e que, até certo ponto, as pessoas vivem à sombra da família de outrora. Ele acrescenta que, por outro lado, a terapia familiar também reconhece o poder do presente e, assim, ocupa-se da influência atual da família de agora. Esse tipo de terapia, então, tem por objetivo mudar a organização familiar, pois quando esta é transformada, a vida de cada membro da família é correspondentemente alterada.

Em relação à cibernética, pode-se dizer que é de extrema relevância o trabalho desenvolvido por von Foerster para um aprofundamento nos seus conceitos, sua evolução histórica e sua aplicabilidade ao campo da terapia familiar. A cibernética não nasceu como uma epistemologia, vindo a constituir-se como tal a partir de sua evolução histórica. Essa nova ciência trouxe para o campo da terapia familiar uma mudança do foco, que até então era sobre a matéria e energia, para a informação e organização. Na época, essa nova ênfase, decorrente da busca de princípios de organização, tanto para as máquinas artificiais quanto para os organismos vivos e fenômenos sociais, propôs a informação como a unidade básica de organização de todos esses sistemas. Dessa forma, a cibernética permitiu o aparecimento de uma nova epistemologia, baseada em uma concepção ecológica dos processos de comunicação, uma vez que enfatizava uma continuidade entre os sistemas humanos e naturais. (Grandesso, 2000)

A **Cibernética de Primeira Ordem** é constituída por dois períodos: primeira cibernética e segunda cibernética. A **primeira cibernética** caracteriza-se por mecanismos e processos pelos quais os sistemas, em geral, funcionavam com o intuito de manter a sua organização. De acordo com essa concepção, o sistema operava de acordo com um propósito ou meta, cujo alcance era garantido por mecanismos de regulação e controle. Era dada ênfase no processo ativado pelo erro – *retroalimentação negativa* – por meio do qual um sistema vivo sobrevive mantendo a sua constância apesar das mudanças do meio, o que convencionou-se chamar de *morfoestase*. Com a **segunda cibernética**, a qual foi descrita por Maruyama (1968), descobriu-se que a sobrevivência dos sistemas vivos não dependia apenas de sua capacidade de morfoestase, mas também, de ser capaz de modificar a sua estrutura básica para adaptar-se às situações de mudança do meio. Esse processo, chamado de *morfogênese*, era explicado por uma *retroalimentação positiva*,

consistindo de seqüências que amplificavam o desvio de modo que o organismo, adaptando-se às condições do contexto, conseguisse sobreviver. (Grandesso, 2000)

A **Cibernética de Segunda Ordem** derivou-se de avanços subseqüentes no campo da cibernética, os quais decorreram de sua aplicabilidade a vários domínios de estudos, tais como a antropologia, a neurofisiologia, a sociologia e a psiquiatria, o que acabou resultando na consideração das idiosincrasias do que poderia ser pensado como **máquinas não triviais** (indetermináveis e imprevisíveis) e **sistemas auto-organizadores**. “Considerar a não-trivialidade implicou conviver com o imprevisível e a incerteza, e, além disso, o estender do pensamento cibernético aos sistemas auto-organizadores, do qual fazem parte os humanos e os sociais, resultou em considerar os sistemas autônomos, regidos por suas próprias leis.” (Grandesso, 2000, p. 128)

De acordo com Nichols & Schwartz (1998), quando aplicada à família a cibernética concentrava a sua atenção em vários fenômenos: (1) as regras familiares, que governam a extensão dos comportamentos que o sistema familiar pode tolerar (isto é, a variação homeostática da família); (2) os processos de retroalimentação negativa que as famílias usam para fazer cumprir essas regras (por exemplo, culpa, mensagens duplas, sintomas); (3) as seqüências de interação familiar em torno de um problema que caracteriza a reação do sistema a ele (isto é, o movimento de retroalimentação em torno de um desvio); e (4) o que acontece quando a retroalimentação negativa tradicional de um sistema é ineficaz, desencadeando movimentos retroalimentadores positivos.

Antes do advento da terapia familiar, as explicações da psicopatologia se baseavam em modelos lineares – médicos, psicodinâmicos e comportamentais. Em todos estes, a etiologia era concebida em termos de adventos anteriores – doença, conflito emocional ou história da aprendizagem – que causaram sintomas no presente. A partir da utilização do conceito de causalidade linear por Gregory Bateson, foi possível mudar a maneira pela qual a psicopatologia era vista, saindo de algo que era causado por acontecimentos no passado para algo que é uma parte dos movimentos retroalimentadores circulares, contínuos. (Nichols & Schwartz, 1998)

1.2. A influência da separação dos pais na vida dos filhos

De acordo com a teoria dos sistemas, a família, assim como a sociedade, tem comportamentos padrões. A família possui uma estrutura subjacente, que estabelece alguns limites, e organiza a maneira pela qual o grupo prefere funcionar. Porém, esta estrutura não dita a maneira pela qual os membros da família funcionam. (Carter, McGoldrick & col., 1989/1995)

Outro aspecto estudado pela abordagem sistêmica diz respeito à idéia de desenvolvimento familiar, ou seja, do ciclo de vida familiar. As famílias podem ser vistas como organismos evoluindo por meio de estágios desenvolvimentais. Cada estágio representa novas exigências, que forçam os membros da família a se acomodarem às novas necessidades, na medida em que eles crescem e envelhecem e as circunstâncias mudam. (Minuchin & Nichols, 1993/1995).

Os estresses familiares são geralmente maiores nos pontos de transição de um estágio do ciclo de vida para o outro, e freqüentemente criam rompimentos no processo desenvolvimental familiar e produzem sintomas e disfunções. O divórcio pode ser visto como uma interrupção ou deslocamento do tradicional ciclo de vida familiar, que produz um tipo de profundo desequilíbrio que está associado, em todo o ciclo, a mudanças, ganhos e perdas no grupo familiar. Como em outras fases do ciclo de vida, existem modificações cruciais no status relacional e importantes tarefas emocionais que precisam ser completadas pelos membros da família que se divorcia, para que eles possam prosseguir desenvolvimentalmente. (Carter, McGoldrick & col., 1989/1995).

O divórcio foi instaurado no Brasil pela emenda Constitucional número 9, de 28 de junho de 1977, e a lei nº 6.515/77 o regulamentou. Desde então, nota-se o uso cada vez maior dessa opção, e uma grande fragilização da instituição familiar. Dados do IBGE apontam que o número de separações cresceu 19% de 1991 para 1998. Em 1991, o Brasil registrou 76.233 separações judiciais. Este número saltou para 90.778 em 1998.

De acordo com uma pesquisa do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), divulgada em dezembro pela revista ISTOÉ de 6/02/02, o brasileiro casa menos e separa cada vez mais. O estudo mostra que, de 1991 a 1998, o número de divórcios e separações judiciais cresceu 32,5%, enquanto o de casamentos caiu 6%.

Essa nova realidade tem feito parte não apenas das estatísticas brasileiras, como também das norte americanas. Apesar da prevalência das separações conjugais na sociedade contemporânea, estudos e pesquisas indicam que poucas famílias estão preparadas para o impacto físico e emocional decorrentes desse processo.

Diante disso, os teóricos da abordagem sistêmica, preocupados com as consequências que a separação conjugal provoca nas famílias inseridas dentro deste contexto, e procurando conhecer mais essa nova realidade, realizaram pesquisas voltadas para essa área. Um número considerável delas explorou as consequências e visões do casal e dos filhos a respeito desse tema, além de tentar compreender como se dá o processo de ajustamento dos filhos de pais separados. Alguns desses trabalhos estão listados logo abaixo, e deles derivam resultados e conclusões de extrema importância para a compreensão dessa situação enfrentada por diversas famílias.

Alguns estudos acompanharam os sujeitos desde o momento da separação, até alguns anos após, já outras analisaram apenas as percepções das pessoas que enfrentaram esse momento alguns anos depois dele ter ocorrido.

O trabalho de Wallerstein e Kelly (1996/1998) voltou-se para o acompanhamento de sessenta famílias que estavam se divorciando e seus 131 filhos, que variavam de três a dezoito anos na época da separação conjugal. Elas acompanharam os filhos desde esse início através de seus primeiros cinco anos na família divorciada. Realizado o estudo, estas pesquisadoras chegaram à conclusão que, depois que as crianças amadureciam, elas geralmente adquiriam uma perspectiva diferente daquela que tinham durante o processo de divórcio, considerando-o como uma solução necessária ou mesmo adequada a um casamento marcado por conflitos. De acordo com estes estudos, o divórcio é concebido como uma solução social apropriada e uma opção que precisa estar disponível para os adultos aprisionados num casamento infeliz. Além disso, foi constatado que nem o casamento infeliz nem o divórcio são especialmente recompensadores para os filhos. As pesquisadoras concluem dizendo que é indispensável a preocupação com a forma como acontecem os divórcios, no intuito de facilitar a experiência para os filhos e para os pais.

Wadsby e Svedin (1994), comparam a percepção de 32 sujeitos de sete a 18 anos e seus familiares, dois anos após o divórcio. A pesquisa aponta que metade das crianças e dois terços dos adolescentes identificam o conflito parental e pressentem que o divórcio irá acontecer. Além disso, informam que 44% dos filhos não desejam que seus pais se reúnam novamente, se o preço for a perpetuação do conflito, e outros 16% têm certeza de que seus pais devam permanecer separados. Para a maioria dos filhos, a escolha não era viver em uma família nuclear ou divorciada, e sim viver numa família com ou sem conflitos. O desejo de reconciliação aparecia apenas entre aqueles que tinham contato raro ou inexistente com a figura parental não residencial, quer fosse o pai ou a mãe. Os autores relatam, ainda, uma falta de comunicação entre pais e filhos

decorrente do processo de separação, verificado, também, por Wallerstein e Kelly (1980) no que se refere, principalmente, a haver, entre os pais, a idéia de que falar sobre o divórcio perturba as crianças. Assim, os pais não tocam no assunto da separação. Os filhos os complementam e, por consequência, mantêm seus sentimentos escondidos. O silêncio é entendido pelos pais como indício de ausência de dificuldades. (Souza, 2000)

Fry (1983) discute as percepções, sentimentos e preocupações de 132 meninos e meninas canadenses de oito a 11 anos de idade, dois anos após a separação conjugal. O autor aponta que as crianças que vivem com a mãe, comparadas às que vivem com o pai, tendem a descrevê-las como tendo mais dificuldade para lidar com problemas financeiros, além de se sentirem cansadas, deprimidas, desprotegidas e sem condições de ajudar os filhos em suas interações com amigos, mas, ao mesmo tempo, com maior capacidade que os pais para cuidar deles quando estão doentes ou com dificuldades. As mães também são descritas como mais disponíveis e os pais como mais distantes. As crianças de ambos os grupos relataram, ainda, o medo e a ansiedade quanto ao atendimento de suas necessidades após a separação e preocupavam-se com o sucesso profissional de ambos os pais, mas principalmente da mãe, demonstrando grande preocupação com o futuro. (Souza, 2000)

Com o objetivo de compreender como os filhos vivenciam a separação dos pais, Souza (2000) procurou descobrir se eles identificam a tensão antecedente a separação, como compreendem e reagem a ela e suas consequências e quais as fontes de apoio percebidas. Esta pesquisadora descobriu que os filhos podem ou não perceber a tensão familiar pré-separação, mas, independente disso, suas maiores dificuldades e fontes de sofrimento referem-se à saída de casa de uma das figuras parentais e à falta de previsibilidade dos eventos da vida cotidiana, conseqüentes à separação dos pais. Apesar de relatarem solidão, isolamento e ausência ou incapacidade de encontrar fontes de apoio, todos afirmaram que o divórcio foi uma boa solução para a família.

Ribeiro (1989) apud Souza (2000) abordou o tema da separação conjugal através das consequências positivas e negativas percebidas por um grupo de 23 adolescentes de cerca de 13 anos, residentes na cidade de Brasília. Os sentimentos descritos quanto a separação foram de tristeza, alívio e aceitação. O final do conflito parental foi percebido como o principal aspecto positivo da separação por 21,5% dos adolescentes, embora 26,1% deles não mencionaram qualquer efeito positivo. Em relação às consequências negativas, 39,1% do grupo considerou que

nada desagradável tinha ocorrido, outros descreveram a ausência paterna (17,4%), mudanças na estrutura de vida (presença de padrasto, mudança de casa, de escola) e, ainda, outros apontaram dificuldades pessoais dos pais (tristeza, beber). O trabalho de Ribeiro (*ibidem*), assim como o de Fry (1983), mostra que os filhos se preocupam muito com a situação dos pais logo após a separação, seja por motivos pessoais ou profissionais dos ex-cônjuges.

Outros trabalhos fizeram uma comparação entre filhos de famílias originais e filhos de famílias reconstituídas. Os resultados mostram um relacionamento positivo dos filhos de famílias reconstituídas com os novos cônjuges de seus pais. No entanto, há uma tendência dos filhos de pais não separados considerarem suas famílias mais unidas e companheiras do que as famílias reconstituídas.

Wagner e Sarriera (1999) apud Souza 2000, realizaram pesquisa com 394 adolescentes entre 12 e 17 anos de idade, metade filhos de pais divorciados e casados pela segunda vez e metade de famílias em primeira união conjugal. Deste estudo, cabe destacar um relacionamento mais próximo, mais intenso e solidário com os irmãos, entre os jovens que viveram o divórcio parental, e uma correlação positiva entre as relações mãe-madrasta, pai-padrasto e o relacionamento dos filhos com os novos cônjuges, indicando que a relação satisfatória com os pais permite ao jovem sentir-se mais seguro no relacionamento com os novos parceiros.

Souza (1998) estudou 61 crianças entre 5 e 10 anos de idade, sendo que 41 eram provenientes de primeiros casamentos. Os sujeitos viam as famílias monoparentais e irmãos de diferentes relações como conseqüências normais do divórcio e morte dos pais, assim como a maternidade e a paternidade fora do casamento eram vistos como arranjos comuns. As crianças mostraram ter criado um novo mapa para definir e se orientar diante aos novos relacionamentos parentais. Como não conseguiam descrever as relações com os novos parentes, o afeto e vínculo positivo com os novos parceiros e suas famílias foram usados como orientadores, surgindo novos conceitos como pais e avós de segundo grau.

Wagner e cols. (1997), em sua pesquisa com adolescentes de famílias originais e reconstituídas, observaram uma tendência dos adolescentes de famílias originais considerarem suas famílias mais "unidas e companheiras". Os autores notaram que apesar da mudança dos valores sociais, ainda persiste, entre os adolescentes, a idéia romântica com respeito ao relacionamento conjugal. Além disso, observou-se que apesar das mudanças estruturais da

família, alguns valores, crenças e projetos de vida parecem ficar imunes, estabelecendo-se, independentemente, dessas transformações.

O estudo de Westman (conforme citado por Ribeiro, 1989), se diferencia dos demais, pois o autor escolheu para sujeitos de sua pesquisa adolescentes perturbados, de população clínica. O autor cita três tipos de reações relacionadas à separação dos pais, encontradas nesses adolescentes: aqueles cujos problemas, que já existiam anteriormente, foram exacerbados pelo divórcio dos pais; os que apresentaram tentativas prematuras de ingressar na vida adulta; os que revelaram um padrão de regressão temporária na forma de depressão, ansiedade ou raiva. O autor afirma que, em muitos casos, o adolescente passa a ter responsabilidades como cuidar dos irmãos mais novos, em consequência da separação dos pais, o que pode frustrar as necessidades básicas de dependência e interferir no seu processo de desenvolvimento.

Com base nestes estudos e pesquisas pode-se afirmar que toda separação conjugal, seja ela como for, interfere no comportamento e desenvolvimento dos filhos, sendo mais evidentes os efeitos negativos do que os positivos.

Normalmente, a decisão de se casar parte de um casal que tem forte ligação afetiva e que nem ao menos pensa na possibilidade de uma separação. Caso o casamento não dê certo, todo aquele amor inicial se transforma em sentimentos típicos ao momento da separação, tais como: raiva, medo, rancor, mágoa, tristeza, entre outros.

Segundo Tiba (1995): “Na hora de se unir, o casal supervaloriza o bom e nega o ruim; para se separar, minimiza o bom e maximiza o ruim”. (p. 103)

Geralmente o que ocorre é que apenas um dos cônjuges tem a iniciativa de se separar, o que torna o processo de separação ainda mais difícil. Os conflitos passam a tomar conta do casal prestes a se separar, e estes acabam se envolvendo tanto na situação que nem sempre conseguem abrir mão de sua angústia e individualidade para dar suporte aos filhos. Isto é, o casal acaba por deixar que seus conflitos se tornem maiores do que sua preocupação pela condição em que os filhos se encontram num momento como esse. Dessa forma, os filhos ficam sem saber ao certo o que está acontecendo, e pior, tendo que superar essa fase sozinhos, pois não podem contar com o apoio dos pais.

Para o casal que não tem filhos, os problemas podem ser menores, e a separação pode até acontecer de forma tranqüila, já que existem apenas duas pessoas envolvidas na situação e elas

não estarão ligadas pela vida inteira por causa das crianças, podendo cada um seguir o seu caminho, e até mesmo não manter mais contato entre si.

Porém, para o casal que tem filhos, a situação é completamente diferente, já que eles podem até mesmo quebrar os elos existentes entre si, mas os papéis de pai e mãe permanecerão.

Segundo Wallerstein e Kelly (1996/1998): “Finalmente, convém observar que divorciar-se com filhos exige dos adultos que antes estavam juntos a capacidade de manter os papéis sociais e sexuais inteiramente separados, enquanto continuam cooperando como pais para o bem dos filhos. Isto é difícil e requer o tipo de comprometimento que os pais muitas vezes, mas nem sempre, têm em relação aos filhos”. (p. 349)

Os filhos podem se tornar armas nas mãos dos pais para manipular um ao outro, ou para que possam se comunicar. Os pais chegam, até mesmo, a colocar os filhos na condição de juízes de quem está certo ou errado, subornando e pressionando-os.

Tiba (1995) fala a respeito dessa manipulação dos cônjuges entre si:

Caso o modelo familiar adotado tenha sido o tradicional, o pai como figura provedora da casa e a mãe como mantenedora, responsável pela saúde e educação dos filhos, por ocasião da separação cada um dos cônjuges vai usar aquilo que fez a vida inteira para manipular, pressionar e sacrificar o outro ou a si mesmo. Quem dominou o dinheiro, através dele vai castigar o ex-cônjuge. Se a mãe sempre foi encarregada dos filhos, será através deles que tentará manipular o ex-marido. Desse modo, são feitas as barganhas: no caso do homem, se você fizer tudo o que eu quero, eu pago direitinho a pensão; no caso da mulher, se você agir direito, deixo que veja as crianças. (p. 104)

Patten-Seward (1984) apud Ribeiro (1989) afirma que, tipicamente o adolescente pode assumir um entre três papéis durante o processo de divórcio: torna-se aliado, amigo ou confidente de um dos pais; torna-se intermediário entre os pais; ou torna-se inimigo de um dos pais. Alguns podem reagir tentando negar a si mesmos que alguma coisa esteja acontecendo, mostrando incredulidade: “ – Não com os meus pais”. Outros podem exprimir seu egocentrismo: “ – Como eles podem fazer isso comigo ?”

De acordo com Wallerstein e Kelly (1996/1998), para o adulto, assim como para a criança, o divórcio não é um evento isolado. Ele é uma cadeia de eventos – uma série de mudanças legais,

sociais, psicológicas, econômicas e sexuais encadeadas e que se estendem ao longo do tempo. O divórcio introduz vários anos de transição e desequilíbrio antes que os adultos obtenham ou recuperem um senso de continuidade e confiança em seus novos papéis e relacionamentos. Por mais que essa experiência seja dolorosa e gradual na vida do adulto, ela toma uma dimensão e significação diferentes na vida de uma criança, já que dois ou três anos de instabilidade representam uma grande parte de toda a experiência de vida da mesma. Além disso, a consciência infeliz da criança acerca do sofrimento dos pais também pode se estender durante os primeiros anos de vida da família recentemente divorciada.

A separação conjugal acarreta uma série de obstáculos psicológicos e sociais que podem levar longos anos até se alcançar uma fase de maior estabilidade.

De acordo com Teyber (1992/1995) uma das conclusões a que pesquisadores talentosos dessa área chegaram é que existem reações imediatas, ou de curto prazo, à separação dos pais, e reações de longo prazo. Este autor diz que as reações a longo prazo dos filhos apresentam grande variação, dependendo da forma como os pais reagem às crianças durante e após a separação, sendo o grau de harmonia ou desarmonia entre os pais, percebido pelas crianças após o divórcio, o mais importante determinante para esse grupo de reações. Alguns filhos continuam zangados ou rejeitando o genitor que partiu; alguns sentem tristeza e saudade desse genitor; outros se apegam a lembranças irrealistas e idealizadas da família intata. Alguns, ainda, se julgam carentes e acham que foram privados da infância. Outros consideram-se mais fortes e mais independentes em consequência do divórcio. Porém, muitos filhos adultos de divorciados têm preocupações intensificadas com questões de confiança, lealdade e segurança nos relacionamentos. Relatam, igualmente, mais solidão como adultos e mais conflitos conjugais do que os filhos de famílias intatas.

Por outro lado, Teyber (*ibidem*) considera as reações a curto prazo dos filhos como mais uniformes. Pesquisadores constataram que quase todos os filhos ficam muito perturbados logo que ocorre a separação. As reações mais comuns nos filhos, as quais foram observadas pelos pais, eram medo, depressão e sentimento de culpa.

Um dos maiores perigos para a saúde psicológica e o desenvolvimento de crianças e adolescentes é a diminuição ou perturbação da paternagem e maternagem. Isso ocorre quando o divórcio é fruto de uma decisão unilateral, onde há muita humilhação, sentimento de raiva e tristeza por parte do parceiro, o que pode permanecer até mesmo no relacionamento pós-divórcio

dos parceiros divorciados, levando a um resultado negativo no desenvolvimento da criança e à depressão.

Sabe-se que em cada dez casais que se separam, nove são as mães que ficam com a guarda dos filhos. Em alguns casos, o pai fica somente autorizado de visitar os filhos em fins de semana alternados. Assim, para os homens que não ficam com a guarda dos filhos, o divórcio não representa apenas o fim do casamento, mas também de sua participação como pais. (Teyber, 1992/1995)

Segundo Pinheiro, Siqueira e Bücher (1983), a presença do pai no lar é importante, não apenas como figura de identificação masculina, mas também como agente influente na aquisição de normas sociais, responsabilidade social, ajustamento social e comportamento delinqüente. (Ribeiro, 1989)

Teyber (1992/1995) diz que os efeitos da não disponibilidade do pai após o divórcio se farão sentir mais como problemas escolares, sociais e emocionais, principalmente depressão.

A maternagem e a paternagem podem se tornar um meio de compensar a infelicidade conjugal através do cultivo de um relacionamento especial com um ou mais dos filhos.

Maldonado (1987) diz que é perfeitamente compreensível também que a maioria dos filhos sentem-se muito melhor com os pais separados ou em novas uniões, do que num casamento infeliz, que ocasiona tensões e desconfortos dentro da família.

Quando o casamento se desfaz é muito comum que um dos cônjuges já esteja construindo um outro relacionamento. Ou é provável que após certo tempo da separação, um dos cônjuges, ou os dois, se interessem por outras pessoas e resolvam se engajar em uma nova relação.

No artigo escrito por Wagner e col. (1997) vimos que a partir do reconhecimento de novas formas de configuração familiar, observa-se, cada vez mais, a formação das chamadas famílias reconstituídas, ou recasadas (Carter & McGoldrick, 1995; Penso, Costa & Carneiro, 1992), ou substitutas (Smith, 1995), conforme denominam os estudiosos do tema. Ainda, neste mesmo artigo, é citado que cada vez mais, crianças e adolescentes estão vivendo com padrastos ou madrastas, sem coabitar o mesmo teto de seus dois progenitores (Mussen, Conger & Kagan, 1988).

Os filhos mal se adaptaram às mudanças decorrentes da separação de seus pais, e já têm que se acostumar com os novos parceiros que eles arrumam. Isso, quando imposto sem uma conversa prévia, pode-se tornar mais um drama, o qual crianças e adolescentes terão que

enfrentar. Estes podem perder um pouco do carinho e respeito que têm pelos pais e sentir raiva dos novos parceiros. Isso pode afastar ainda mais o relacionamento entre pais e filhos, sendo que os últimos poderão ter seus problemas agravados.

Diante dos novos parceiros da mãe e do pai, a reação inicial dos adolescentes costuma ser bastante ambivalente. Inicialmente, aparece a relutância em aceitar os novos parceiros dos pais, o que, algumas vezes, se deve ao medo de começar a gostar destas novas pessoas e voltar a perdê-las, caso elas desfaçam o relacionamento conjugal. Por outro lado, o jovem também sente-se ameaçado e enciumado pelo fato de ter seus pais menos disponíveis para ele. Nesta mistura de sentimentos, o fato de refazer-se o vínculo conjugal de um de seus progenitores, também faz diminuir a esperança do adolescente em ver seus pais unidos novamente (Maldonado, 1987; Barber & Lyons, 1994; Carter & McGoldrick, 1995; Teyber, 1995). (Wagner, Falcke & Meza, 1997)

De alguma forma, seja em menor ou em maior grau, sabe-se que a separação conjugal traz conseqüências para a vida dos filhos, os quais nunca saem ilesos.

Segundo Ribeiro (1989) a separação conjugal pode representar, para os filhos, a perda de segurança, estabilidade e insegurança em relação ao futuro. Além disso a autora diz que muitas vezes há um desequilíbrio, temporário ou não, nas estruturas hierárquicas da família e um verdadeiro tumulto no dia-a-dia dos filhos, uma vez que algumas mudanças são necessárias para que haja uma nova estruturação a nível econômico, espacial e hierárquico. A autora acredita que todas essas modificações, aliadas ao aspecto afetivo, talvez sejam as responsáveis pelos sentimentos negativos vivenciados pelos filhos. Ribeiro, ainda, diz que o ajustamento dos adolescentes a toda essa nova realidade familiar, que inclui cuidados com os irmãos menores, com a casa e até mesmo trabalhar fora para ajudar nas despesas da casa, pode levá-los a ter uma percepção diferente da separação dos pais. Como conseqüência da separação dos pais, um sentimento de rejeição e uma baixa auto-estima podem ser observados no início da adolescência.

Wagner, Falcke & Meza (1997) afirmam que a família é o palco onde entram em cena, às vezes de forma dramática, as mais genuínas experiências de afeto, prazer, dor, medo, e tantas outras emoções que favorecem o mais inesquecível dos aprendizados. Assim, para integrar todas as demandas da fase adolescente, num palco onde o cenário se encontra multifacetado e em pleno processo de modificação, significa, muitas vezes, deparar-se com um agravamento das crises inerentes à adolescência e ao ciclo evolutivo do sistema familiar.

Sorosky (citado por Ribeiro, 1989) afirma que a separação dos pais, durante a adolescência dos filhos, pode intensificar os conflitos e as crises comuns a esta fase e servir como meio de inibir sua expressão e resolução.

Conhece-se que crianças e adolescentes vivenciam a separação de seus pais como um choque, como algo doloroso e angustiante (Wallerstein, 1985; Urribarri & Urribarri, 1986). Além dos problemas que estes sujeitos podem apresentar com respeito às suas relações interpessoais, estes efeitos também podem estar associados a um casamento precoce ou medo quanto ao seu futuro casamento (Schwartzberg, 1981; Patten-Saward, 1984; Barber & Lyons, 1994; Tasker & Richards, 1994). Poucos se sentem aliviados com a decisão do divórcio, pois, para eles, isto significa o colapso da estrutura que proporciona apoio e proteção e é somente com a maturidade que irão considerar a separação dos pais como algo necessário (Wallerstein, 1985; Urribarri & Urribarri, 1986). (Wagner, Falcke & Meza, 1997)

Por outro lado, nota-se que as conseqüências do divórcio nos filhos estão diminuindo, à medida que este está se tornando, a cada dia, mais comum e aceitável. Em seu estudo, Mazur (1993) constatou que não existem diferenças entre as opiniões de crianças, com pais divorciados ou não, sobre casamento, divórcio e recasamento. (Wagner, Falcke & Meza, 1997)

Segundo Sorosky (1977, apud Ribeiro, 1989) os jovens que melhor elaboram o stress que acompanha o divórcio são os que têm uma adaptabilidade inata à mudança, os que possuem pouco resíduo da ansiedade da separação e os que resolveram com sucesso o conflito edípico. As perdas anteriores também são importantes. Adolescentes que foram adotados tendem a ver o divórcio como uma perda semelhante ao abandono dos pais biológicos.

A natureza e as circunstâncias da decisão de divorciar-se tornam-se fatores na capacidade da criança de lidar, imediata ou finalmente, com a ruptura familiar. Os esforços da criança para dominar a situação são reforçados quando ela compreende o divórcio como uma solução séria e cuidadosamente considerada para um problema importante, quando o divórcio parece ser realizado de forma intencional e racional, e consegue de fato trazer alívio e resultados mais felizes para um ou ambos os pais. Reciprocamente, quando o divórcio não é planejado, é iniciado impulsivamente, buscado com raiva ou culpa em relação à ações inadequadas reais ou fantasiadas, ou quando o divórcio coincide com outras crises familiares não-relacionadas, a capacidade de manejo da criança fica gravemente sobrecarregada. Ela provavelmente ficará confusa e surpresa e sentirá que os pais não estão indo numa direção racional. Se ela sentir que

estão sendo levados pelo ódio ou mero impulso, talvez conclua que não existe uma maneira racional de se compreender a angústia que ela e outros filhos experienciam. Assim, a base sobre a qual a decisão de divorciar-se é tomada pode ter conseqüências duradouras para a capacidade da criança não só de integrar a experiência, mas também para a sua atitude e avaliação dos pais e, através disso, para a sua nova visão de todo o mundo adulto. (Wallerstein e Kelly, 1996/1998, p. 29)

Sabe-se que não existe uma “receita” sobre qual a melhor maneira de se separar, evitando assim os conflitos. Isso porque cada caso é um caso e deve-se respeitar a individualidade dos sujeitos envolvidos, bem como a totalidade da experiência. Porém, alguns aspectos podem ser negociados pelo casal como sugere Ribeiro em 1989:

Um aspecto importante é como falar sobre a separação com os filhos, embora muitos casais tenham dificuldade em fazê-lo. A relação conjugal antes, durante e depois da separação, parece ser outro aspecto a ser considerado quando se fala em conseqüências para os filhos. Alguns autores questionam se é a separação em si ou o conflito que a acompanha o responsável pelos problemas manifestados pelos filhos. Sabemos que no processo de dissolução conjugal alguns aspectos que ficaram camuflados durante anos vêm à tona, e os filhos convivem com agressões verbais e físicas, chantagens emocionais e uma situação afetiva especial com relação aos pais. O casal deve estar atento a estes fatos, embora saibamos que não é uma tarefa muito fácil, uma vez que se trata de questões inconscientes. As mudanças reais na vida dos filhos também são vistas como causas de problemas apresentados por eles a curto ou longo prazos. O casal deveria, dentro das suas possibilidades, procurar manter as condições de vida às quais as crianças estão habituadas. Mudança de colégio ou de casa requer das crianças um esforço para se adaptar a novos professores, amigos, vizinhança, que se somaria às dificuldades que eles já estão vivenciando a nível individual. (pp. 36 e 37)

Segundo Wallerstein e Kelly (1996/1998): “...há evidências de que o relacionamento pais-filhos é vulnerável às tensões da infelicidade conjugal; também há evidências de que o relacionamento pais-filhos pode lucrar em proximidade e intimidade em virtude das próprias frustrações do casamento infeliz”. (p. 28)

Wallerstein e Kelly (1996/1998) falam a respeito das conseqüências que duas formas de divorciar-se podem ocasionar para os sujeitos envolvidos: “ O resultado final de uma família pós-divórcio bem-estabelecida pode ser uma melhor qualidade de vida para os adultos e as crianças. Os resultados do divórcio fracassado tendem a ser baixa auto-estima e depressão, acompanhadas por um constante sentimento de privação ou raiva nas crianças e adolescentes, que pode persistir por muitos anos”. (p. 347)

Sabe-se que esse é um momento muito difícil para toda a família. Contudo, se torna ainda mais complicado para um casal que tem filhos, pois além de terem que resolver seus próprios problemas emocionais e conjugais, tem que dedicar uma certa atenção e ter um certo cuidado em relação aos filhos. Não existe uma fórmula para a melhor maneira de se separar, mas há alguns cuidados que podem se tornar imprescindíveis para que a separação ocorra de uma forma mais tranqüila e menos sofrida para todos os envolvidos.

Giusti (1984/1987) diz que o estado de perturbação em que muitas vezes se encontram os filhos dos separados não é determinado pela separação em si, mas por toda a situação de conflito e tensão que a causou. Segundo Giusti, a atmosfera emotiva vigente dentro de casa é determinante para o equilíbrio emocional dos filhos, pois durante um longo período o ambiente familiar representa para uma criança toda a sua realidade. Assim, quando existem confrontos prolongados entre os pais dentro de casa, esses são internalizados pelos filhos, os quais deixam de ter aqueles sólidos e positivos pontos de referência essenciais para o crescimento, tais como a certeza de ser amado, de ser bom e de poder mover-se livremente, a consciência clara do que acontece ao seu redor, entre outros.

Giusti (*ibidem*) sugere alguns fundamentos gerais que podem ajudar, nesses momentos difíceis, a tornar o clima na família o mais relaxado e sereno possível. O importante, segundo este autor, é que os pais consigam obter uma comunicação autêntica com os filhos, criando condições que permitam a todos compreender-se reciprocamente. Os filhos não precisam ser envolvidos nas discussões preliminares à decisão de separar-se dos pais. É bom informá-los a respeito da separação somente quando a decisão tomada for clara e definitiva. Não existe uma idade certa para falar com os filhos de questões graves como a de uma separação. No entanto, é necessário que os pais utilizem-se de uma linguagem simples, clara e sem contradições, que possa ser entendida pelos filhos, para que estes sintam que estão recebendo uma explicação honesta,

apoiada nos fatos. Além disso, é importante observar as reações dos filhos, convidando-os a dizer tudo o que pensam e a exprimir a emoção de seus estados de espírito.

Segundo Giusti (1984/1987), quando houver questões, que por vários motivos os pais não queiram informar aos filhos, poder-se-á dizer a eles claramente: “Existem algumas coisas que papai e mamãe não podem (ou não querem) discutir com vocês. Vocês também, quando crescerem, não vão querer falar de certas coisas, e é justo que seja assim. Mas desejamos que vocês se sintam livres para fazer todas as perguntas que quiserem; quando não pudermos responder, diremos claramente (...)” (p.156) O importante é não mentir para que a criança não se sinta traída pelos pais, pois é inevitável que mais cedo ou mais tarde a verdade venha à tona.

Finalmente, no período da separação os filhos têm uma necessidade especial de clareza. Os pais deverão tranquilizá-los que apesar de não se amarem mais, continuarão sempre a amar do mesmo modo os próprios filhos, os quais são o resultado do amor que tinham quando se encontraram. Resultado este muito bem recebido, amado e precioso para ambos. Para que os filhos não se sintam culpados em relação à separação é bom que os pais esclareçam que essa escolha não depende deles, e que, portanto, eles não são de jeito nenhum a causa da separação. Os pais deverão tranquilizá-los, também, quanto ao aspecto material dizendo a eles que ambos continuarão sempre a cuidar para que nunca lhes falte nada. Além disso, a melhor maneira de tranquilizar os filhos, a única que torna possíveis e dá credibilidade a todas as outras, segundo Giusti (*ibidem*), é que os pais consigam ter, depois de separados, um relacionamento não mais conflitante e hostil de parte a parte.

Depois de tudo o que foi visto em relação ao rompimento do sistema familiar, fica a dúvida se a instituição “família” estaria ou não em crise.

O psiquiatra inglês D. Cooper utilizou o termo “morte da família” no título de um de seus livros. Em relação à família Cooper entende que ela é um modelo miniaturizado da organização social e política alicerçada na opressão de uma classe por outra, ou de um país por outro, tendo se especializado na marginalização dos que contestam ou a ela se opõem; de acordo com este autor, por seu poder destrutivo, a família deve terminar e ser restaurada sob novas premissas. Segundo Osorio (1996), o casamento nos moldes tradicionais esgotou suas possibilidades, tanto de atender as necessidades biopsicossociais dos cônjuges como a de propiciar o adequado enquadre para o desenvolvimento de famílias que sejam compatíveis com as profundas transformações no comportamento humano que se esboçam para o próximo século. A crise que está ocorrendo na

família é um ponto de mutação necessário, e até mesmo indispensável, ao desenvolvimento desta instituição. As crises, de acordo com Osorio (*ibidem*), ensejam o acúmulo de experiência e uma melhor definição de objetivos.

Quando se fala em crise na família hoje, não significa que seu papel no processo civilizatório deva ser questionado e muito menos que esteja ela ameaçada de destruição. Fala-se no entanto de uma mutação no seu ciclo evolutivo, algo que poderia ser comparado a um salto quântico para níveis mais satisfatórios de interação humana. A família está em crise para dar origem a novas formas de configuração familiares que atendam às demandas deste novo século e da evolução humana. De acordo com Osorio (1996): “A família é e continuará sendo, a par de seu papel na preservação da espécie, um laboratório de relações humanas onde se testam e aprimoram os modelos de convivência que ensejem o melhor aproveitamento dos potenciais humanos para a criação de uma sociedade mais harmônica e promotora de bem-estar coletivo.” (p. 47)

1.3. Gestalt-Terapia: desenvolvimento, influências, conceitos e pressupostos básicos

1.3.1. A Gestalt-Terapia em seu processo de desenvolvimento

A Gestalt-terapia é uma síntese de várias correntes filosóficas, teóricas, metodológicas e terapêuticas européias, americanas e orientais. Ela sofreu a influência da psicanálise, da Psicologia da Gestalt, das terapias psicocorporais de inspiração reichiana, do psicodrama de Moreno, das filosofias orientais, da teoria do campo de Kurt Lewin, da teoria organísmica de Kurt Goldstein, da fenomenologia e do existencialismo. Gestalt é uma palavra de origem alemã que significa forma, configuração. Uma gestalt é produto de uma organização, e esta organização é o processo que leva a uma gestalt. (Ginger & Ginger, 1987/1995)

Considera-se que Christian von Ehrenfels, filósofo vienense de fins do séc. XIX, foi um dos precursores da psicologia da gestalt. Ele sugeriu que há qualidades da experiência que não podem ser explicadas em termos de combinações de sensações. Essas qualidades foram definidas por ele

como “Gestalt qualitäten” (qualidades configurais), percepções baseadas em algo que vai além das sensações individuais.

A psicologia da Gestalt surgiu através de um protesto na Alemanha contra a psicologia wundtiana a qual compreendia a experiência psíquico-emocional através de uma análise atomística-mecanicista. O primeiro estudo oficial, que fundou esta nova escola, apareceu em 1912, com a assinatura conjunta de Max Wertheimer (1880-1943), Wolfgang Köhler (1887-1967), Kurt Koffka (1886- 1941) e Kurt Goldstein (1878-1965).

Os psicólogos da gestalt aceitavam o valor da consciência, porém criticavam a tentativa de analisá-la em elementos. Eles afirmavam que as partes nunca podem proporcionar uma real compreensão do todo porque o todo é diferente da soma das partes. Além disso, acreditavam também que há mais coisas na percepção do que vêem os nossos olhos e que a nossa percepção vai além dos elementos sensoriais, dos dados físicos básicos fornecidos pelos órgãos dos sentidos. (Schultz & Schultz, 1969/1981)

De acordo com Tellegen (1984), pode-se considerar que a Gestalt-terapia germinou no espírito de Perls nos anos 40, quando ele ainda estava na África do Sul. Logo após a Segunda Guerra mundial, Perls emigrou, com sua mulher Laura, para os Estados Unidos onde resolveu investir na estruturação de um novo campo clínico, o qual denominou “Gestalt”. Fritz Perls, então, publicou sua primeira obra eminentemente gestaltista em 1951, com o título “Gestalt Therapy”. Dessa forma, uma nova abordagem terapêutica estava lançada e dava início à sua própria história.

1.3.2. Influências teórico-filosóficas na Gestalt-Terapia

Logo, Psicologia da Gestalt e Gestalt-terapia são assuntos diferentes, com campos de atuação e preocupações diferentes. A Gestalt-terapia se preocupa com o campo clínico, com as técnicas de trabalho e estudos que visam dar ao homem as condições necessárias para seu próprio crescimento. Já a Psicologia da Gestalt, foi um campo de pesquisa que trouxe uma série de novas perspectivas para entender a maneira com a qual o homem se relaciona com o mundo. (Rodrigues, 2000)

Kurt Lewin (1890-1947) estudou a interdependência entre a pessoa e o seu meio social. Este autor afirma que o comportamento é uma função do campo do qual ele é parte, ele não depende nem do passado e nem do futuro, mas do campo presente. Este campo presente tem uma determinada dimensão tempo, inclui o passado psicológico, o presente psicológico e o futuro psicológico, que constituem uma das dimensões do espaço de vida, existindo num determinado momento. Na abordagem de campo da gestal-terapia, tudo é visto como vir a ser, movendo-se, nada é estático. O campo é a pessoa no seu espaço de vida. A realidade é sempre relacional, e é assim que precisa ser compreendida.

Rodrigues (2000), diz que um campo é uma teia sistemática de relacionamentos, contínuo no espaço e no tempo. O mesmo autor cita Yontef (1998): “O campo é uma fatalidade unitária: tudo no campo afeta todo o resto”. (p.184)

A teoria organísmica de Kurt Goldstein (1878-1965) afirma que o indivíduo é um todo unificado, como um campo integrado em sentimentos, sensações, emoções e imagens. Goldstein negou a dicotomia entre o biológico e o psíquico, assim como entre o normal e o patológico. O corpo e a mente não são entidades separadas, o organismo é uma só unidade. Dessa forma, uma verdadeira compreensão da condição individual só é alcançada se considerarmos o indivíduo como parte da totalidade da natureza, e em particular da sociedade humana a que pertence. O todo não pode ser compreendido pelo estudo das partes isoladas. O todo é o seu próprio princípio regulador.

A G.T.¹ é uma abordagem psicoterápica humanista de base existencial-fenomenológica, ou seja, a verdade é encontrada apenas na subjetividade e o homem não é separado nem isolado de seu mundo. Pelo contrário, o homem é um ser no mundo e com o mundo, ele é influenciado e influencia o mundo. De acordo com o existencialismo de Sartre o homem nada mais é do que ele decide ser, sua essência surge resultante de suas opções, de suas escolhas, e de seus atos. A existência precede a essência.

O movimento humanista dava ênfase na totalidade. A percepção de uma totalidade não pode se reduzir à soma dos estímulos percebidos, já que o todo é diferente da soma de suas partes. Essa abordagem ia contra as visões determinista, mecanicista, reducionista e de causalidade linear. O humanismo considerava a intencionalidade do homem e dava importância à subjetividade do mesmo. O homem, de acordo com essa abordagem, é essencialmente livre e

¹ Abreviatura de Gestalt-Terapia

imprevisível, sendo o ponto focal dessa liberdade a sua consciência. O ser humano vive num mundo subjetivo de vivências, percepções, emoções, sentimentos, e com base nesse mundo privado ele tem capacidade de criar, escolher e decidir seu próprio caminho. Esse movimento tinha uma visão otimista e positiva do homem. A psicologia humanista se concentrava mais em pessoas psicologicamente saudáveis do que em pessoas emocionalmente perturbadas. Ela dava ênfase nas características mais elevadas do homem e na questão da consciência da liberdade e do presente. Além disso, a psicologia humanista definia o self como o princípio unificador da personalidade humana.

O que interessa aos gestalt terapeutas são essas quatro idéias propostas pelo existencialismo: consciência, liberdade, projeto e responsabilidade. Com isso, o objetivo da G.T. é fazer com que o cliente tome consciência de si mesmo e de seu meio e com base nessa consciência possa fazer escolhas adequadas, tomando posse de seu projeto existencial, assumindo responsabilidade pelos seus atos. (C. M. D. Tenório, comunicação pessoal, 5/06/1999)

Alguns dos conceitos e pressupostos básicos da gestalt terapia são: aqui-agora; figura e fundo; contato e polaridades.

O Aqui e Agora é uma técnica terapêutica que dá ênfase no presente, na figura, na tomada de consciência da experiência atual, na relação terapeuta-cliente, no como e não no porquê. A valorização desse conceito pela Gestalt Terapia origina-se em parte do Zen budismo o qual diz que a busca da iluminação consiste em viver a vida com a consciência do momento presente. Por outro lado, origina-se também da Psicologia da Gestalt e da Fenomenologia no sentido em que essas duas correntes teóricas privilegiam os processos da consciência, os quais sempre se dão no aqui e agora. A G.T. considera que o que gera a mudança não é a descoberta das causas, mas sim a vivência plena e a compreensão ampla de um problema atual, de uma situação mal resolvida do passado, ou de uma perspectiva incerta de futuro que emerge espontaneamente no presente. Com a vivência plena de qualquer experiência no aqui e agora, pode-se produzir uma associação livre pela ação ou representação e uma descoberta de novas maneiras de lidar com o mesmo problema, o que permitirá uma libertação do determinismo alienante do passado e do meio ambiente. (C. M. D. Tenório, comunicação pessoal, 5/06/1999)

1.3.3. Conceitos e pressupostos básicos

Segundo C.M.D. Tenório em sua comunicação pessoal (17/11/1996), um dos principais conceitos da G.T. é o de figura e fundo. A figura é superficial, aquilo que emerge em primeiro plano na consciência, a única parte do todo com a qual podemos fazer um contato pleno, direto e imediato. O fundo, de onde emerge a figura, é tudo que faz parte da pessoa, inclusive seu inconsciente mais profundo, mas nunca é acessível à consciência no momento presente, por isso não podemos contactá-lo de forma direta e imediata. A G.T. consegue alcançar o fundo através da ampliação da consciência no aqui e agora, e dessa forma, a gestalt é fechada, ou seja, a figura é completada e desaparece do campo perceptivo, regredindo para o fundo de onde emerge uma nova figura. Porém, quando o processo de formação de figura é interrompido e esta não é completada, conseqüentemente ela não retorna inteiramente para o fundo ou não desaparece completamente do campo, permanecendo marcas, fantasmas, lembranças ou impressões da imagem de uma figura que ficou incompleta. Assim, após sucessivas interrupções do contato, o campo perceptivo se torna cada vez mais confuso, situações inacabadas do passado passam a interferir na percepção da situação atual e a pessoa passa a perceber o mundo através de lentes embaçadas que distorcem a realidade. Dessa forma se dá o processo de formação de neurose, onde há fuga e interrupção do contato. A pessoa se torna confusa e não consegue mais identificar com clareza suas próprias necessidades. Além disso, deixa de ser criativa e espontânea, sempre controlando a si mesma para não cometer erros ou desagradar o outro.

Falar em contato é o mesmo que falar em auto-realização e ajustamento criativo. É através do contato que se dá a relação do organismo consigo mesmo e com seu meio, no sentido de obter auto realização. Fazer um contato pleno, sem interrupção, implica no funcionamento do organismo em sua totalidade na busca pela realização de suas necessidades e inevitavelmente envolve a integração de seus aspectos sensorial, cognitivo e motor. A interrupção do contato com qualquer aspecto da realidade interna ou externa, pode gerar neurose, na medida em que essa interrupção passa a ser uma repetição automática de evitação de contato com uma experiência de dor, conflito ou sofrimento, vivenciada no passado e considerada insuportável pelo self.

A G.T. busca colocar em destaque os mecanismos de bloqueio do contato, desmascarando as evitações, medos e inibições do cliente e ampliando sua consciência no aqui e agora. Além disso, essa abordagem tem como objetivo promover a integração orgânica, fazendo com que o

cliente perceba a sua desintegração e se identifique com a parte alienada, possibilitando a reorganização e o crescimento do self. (C. M. D. Tenório, comunicação pessoal, 5/06/1999)

Entende-se por polaridades, pólos opostos que compõe o organismo psíquico (dominador x dominado). O dominado seria o self na sua essência e originalidade. O dominador são as normas, os outros, os padrões e proibições às quais as pessoas se submetem. A G.T. acredita que a organização e o equilíbrio são o estado natural do organismo. Este equilíbrio está constantemente sendo ameaçado pela tensão existente entre as polaridades, uma vez que o contato entre elas foi impedido, e o afastamento entre elas forçado pela tentativa do self em manter sua integridade. (C. M. D. Tenório, comunicação pessoal, 5/06/1999)

Para a G.T. uma pessoa saudável tem uma visão realista do mundo e de seu lugar nele. Ela mantém contato com os aspectos de seu próprio self. O contato envolve a relação consigo mesmo e com o outro, consciência e ação. (C. M. D. Tenório, comunicação pessoal, 17/11/1996)

Segundo Sagan & Shepherd, 1980, (citado por Rodrigues, 2000): “A mudança ocorre quando a pessoa se torna o que é, e não quando tenta converter-se no que não é.” (p. 110)

1.4. Gestalt Terapia e Abordagem Sistêmica

De acordo com Zinker (1994/2001), as noções de sistema e de campo vêm das ciências físicas. Contudo, a teoria de campo foi adaptada pelos cientistas sociais, especificamente pelos psicólogos da Gestalt, deixando de fazer parte apenas das ciências físicas. Kurt Koffka, Max Wertheimer e Wolfgang Kohler, psicólogos alemães que iniciaram o movimento da Gestalt, demonstraram que o modo como o objeto é percebido está relacionado à configuração total no qual este se insere. A percepção não é determinada por características fixas dos componentes individuais, mas sim pela relação entre estes componentes.

Kurt Lewin criou uma teoria psicológica baseada nos conceitos de campo. Ele aplicou, pela primeira vez na história da psicologia, a noção de fronteiras psicológicas aos processos intrapsíquicos, ao relacionamento entre as pessoas, a seus ambientes psicológicos e físicos, e também aos relacionamentos entre diversas pessoas. Lewin descreveu também as diversas características das fronteiras, inclusive firmeza/maciez e fluidez/rigidez. (Zinker, 1994/2001)

Bertalanffy (apud Zinker, 1994/2001), em seu ensaio mais importante, afirma que: “um sistema é fechado se nenhum material entrar ou sair dele; é aberto se houver entrada e saída e, portanto, mudança dos componentes”. (p. 72) Pode-se perceber uma correlação entre os trabalhos de Bertalanffy e Lewin no que diz respeito a campos psicológicos, na medida em que nos dois trabalhos encontramos a idéia de fronteira e seu papel de diferenciar o organismo de seu ambiente.

Logo em seguida, Laura e Fritz Perls fizeram a ponte entre a psicologia da Gestalt e a Gestalt-terapia. Os Perls estavam interessados em estender os princípios da percepção à saúde psicológica e a seus distúrbios. A saúde é representada por experiências repetidas de completude, enquanto a “doença” é um estado de falta crônica de completude. Assim, os Perls criaram uma terapia para completar as experiências inacabadas – torná-las inteiras dentro de nós – de modo a podermos seguir com a vida. (Zinker, 1994/2001)

Zinker (*op.cit.*) finaliza sua tentativa de fazer uma interconexão entre a Teoria dos Sistemas, a Teoria de Campo e a Psicologia da Gestalt, afirmando: “Portanto, aquilo que começou como uma descoberta de campos físicos na natureza foi incorporado como campos perceptuais nos humanos, expandido para um modelo de campo de satisfação de necessidades individuais e, finalmente, ampliado para os fenômenos relativos a casais e famílias”. (p. 74)

Ao repensar funções psíquicas como percepção, memória, aprendizagem, a psicologia da Gestalt forneceu subsídios para teorias sistêmicas de personalidade e de grupos sociais. Porém, a noção de Gestalt como sendo um “todo” dinamicamente se diferenciando em figura e fundo segundo certas leis e seguindo certas direções, não se mostra suficiente para abranger a complexidade dos eventos motivacionais e comportamentais de indivíduos e grupos sociais. (Tellegen, 1984)

A psicologia da Gestalt, a teoria do campo e as teorias organísmicas representam os primeiros modelos sistêmicos em psicologia. Estas teorias, ao se preocupar com a dinâmica inter-relacional de conjuntos complexos, sua organização, regulação e direção, representam um novo enfoque, distinto dos modelos clássicos da relação causa-efeito e da transformação de energia. Alguns dos termos usados para referir-se a processos tendentes a um equilíbrio dinâmico são: lei de pregnância ou boa forma, equalização e homeostase. Trata-se de processos identificáveis sobretudo em sistemas vivos que dizem respeito não só à manutenção de estados relativamente

constantes frente a variações internas e externas, mas também à tendência em direção à diferenciação e organização cada vez maior dos seus componentes. (Tellegen, 1984)

Na década de 40 surge a então chamada “Teoria Geral de Sistemas”, desenvolvida por Ludwig von Bertalanffy. A proposta deste teórico era a de construir modelos e descobrir os princípios gerais aplicáveis a sistemas complexos de qualquer natureza – biológicos, ecológicos, psíquicos, sociais, econômicos, culturais – que não sejam vagas analogias e tampouco transposições de conceitos e modelos de uma área de conhecimento para outra. (Tellegen, *op. cit.*)

Segundo Tellegen (*ibidem*), a Gestalt-terapia, ligada aos modelos sistêmicos iniciais, é herdeira da tendência de transpor modelos e conceitos. Perls, ao se opor a uma concepção mecanicista do homem e a uma psicologia associacionista, apoiou-se na psicologia da Gestalt e, principalmente, na elaboração desta na teoria organísmica de Goldstein. A mesma autora fala que uma das insuficiências da noção de Gestalt é a tendência de ver o “todo” como se fosse algo completo em si, e de se concentrar no que acontece dentro dele. Dessa forma, cada “todo” tem duas faces: para dentro é composto de partes inter-relacionadas, para fora é uma parte pertencente a um outro “todo” o qual também possui duas faces.

De acordo com Tellegen (1984) “a pessoa como um todo” entendido como o fundo de onde surgem as figuras motivacionais é um “todo” tão composto e complexo que falar em “fundo” não esclarece muito. No processo de formação figura-fundo, Perls entende por “figura” o encontro diádico terapeuta-cliente, surgindo de um “fundo” que é o grupo ou processo grupal, sem que este seja visado na complexidade de suas articulações internas e na sua relação recíproca com o contexto social mais amplo. Tellegen, então, afirma que a teoria de sistemas amplia e enriquece o modelo sistêmico dos gestaltistas, pois o modelo sistêmico focaliza não só as relações entre partes formadoras de um todo, mas também os entrecruzamentos de diversos sistemas e a sua articulação. “ Sistema é um conjunto de objetos que se caracteriza pela inter-relação entre estes objetos e seus atributos.” (p. 61)

Os componentes sistêmicos focalizados pela teoria de sistemas não são primariamente os “objetos” enquanto físicos ou materiais, mais sobretudo leis, regras, funções, processos, equações. O foco da teoria dos sistemas passa da substantividade das partes para os processos inter-relacionais entre elas, tornando viável o estudo comparativo de sistemas de diferentes naturezas. Assim, o método de estudo desta teoria é indagar sobre:

- a sua estrutura, isto é, qual o seu contorno, quais as suas partes, como se inter-relacionam internamente e com o meio externo, ou seja, com outros sistemas;
- o seu funcionamento, isto é, como se processa dentro de um sistema a transformação daquilo que recebe (*input*) naquilo que devolve ao meio (*output*);
- a sua evolução, isto é, como se comporta o sistema frente a mudanças que sofre ao longo do tempo, quais seus dispositivos de correção, diferenciação, renovação; como ocorrem seu desgaste e sua desintegração enquanto sistema. (Tellegen, 1984)

A noção de sistemas é atraente para o terapeuta de casais e de famílias porque sabe-se que nenhum membro é o único responsável pela luta da família. A trajetória do desenvolvimento da família tem uma determinação múltipla. Os “sistemas” lutam para alcançar estabilidade ou homeostase, um equilíbrio entre ordem e desordem. O fluxo dos acontecimentos da vida se abate sobre o casal ou a família, trazendo a mudança. Um casal ou uma família saudáveis estão sempre mudando. Porém, quando as habilidades para assimilar a mudança são inadequadas, quando o processo é fixo e não flexível, então o casal ou os membros da família passam a ter problemas, individualmente e como um sistema. Os sistemas de casais e de família podem ser vistos como fenômenos holísticos. Um sistema é uma unidade em si e é maior do que seus membros individuais. (Zinker, 1994/ 2001)

Ginger & Ginger (1987/1995) falam que não devemos nos prender à síntese, sair de um reducionismo para cair em outro: passar do mecanicismo, que imaginava que o conhecimento de todas as partes e de todas as leis permitiria um dia compreender o funcionamento do todo, ao holismo, que pretende que o conhecimento do todo explica o funcionamento de cada parte. Os autores citam alguns trechos da obra de Edgard Morin (1977) para explicitar esse raciocínio:

A decomposição analítica em elementos decompõe também o sistema, cujas regras de composição não são aditivas, mas transformadoras.(...) Mas acreditando superar o reducionismo, o holismo, de fato operou uma redução ao todo: daí, não apenas sua cegueira em relação às partes enquanto partes, mas sua miopia em relação à organização como organização, sua ignorância da complexidade no âmago da unidade global.(...) O todo não é tudo. O todo é bem mais do que forma global.(...) O todo, sozinho, nada mais é do que um buraco (whole is a hole). (p. 108)

O sistema não diz respeito nem à “forma”, nem ao “conteúdo”, nem aos elementos considerados isoladamente, nem ao todo sozinho, mas a tudo isso interligado na e para a organização que os transforma. (...) O observador também faz parte da definição do sistema observado, e o sistema observado faz também parte do intelecto e da cultura do observador-sistema. Cria-se, na e através de uma tal inter-relação, uma nova totalidade sistêmica que engloba um e outro (...) (p. 109)

“Gestalt” se refere justamente à qualidade estruturada de um “todo” cujas partes são de tal forma inter-relacionadas que a modificação de uma delas modifica o todo. (Tellegen, 1984)

Assim sendo, a posição dos teóricos sistêmicos em relação ao sentido de gestalt utilizado pelos teóricos da Psicologia da Gestalt e da Gestalt terapia, parece um tanto equivocada. Eles falam que a Gestalt, por dar ênfase ao “todo”, deixa de lado as inter-relações do indivíduo com o mundo e os entrecruzamentos existentes entre o sistema em que ele está inserido e os outros sistemas. Porém, a Gestalt entende o organismo como uma unidade integrada, a qual se relaciona constantemente com seu meio. Apesar de ser dada ênfase no ‘todo’, ou seja, na experiência total de cada ser humano, não é deixado de lado as inter-relações entre o indivíduo e suas partes componentes e deste com seu meio. Apenas valoriza-se a subjetividade, não separa-se o homem do seu mundo. Acredita-se que a partir das inter-relações do homem com o seu meio, é estabelecido o contato. Tudo que se passa no organismo, no nível sensorio-motor, se dá na fronteira de contato e é sempre uma função da interação organismo-meio. A existência de cada pessoa é baseada em ciclos de contato e retraimento pelos quais se processa a auto-regulação orgânica ou o ajustamento criativo em seu meio.

A Gestalt-terapia tenta compreender o homem a partir de sentimentos, sensações, emoções, ou seja, de tudo que por ele é vivenciado. Segundo Sartre, apud Tenório (comunicação pessoal, 5/06/1999), o homem é um ser existindo permanentemente à procura de sua essência, que só é alcançada através de sua existência, isto é, através de suas escolhas, de seus atos, de sua forma de ser no mundo. O homem não pode ser separado de seu mundo, o homem é um ser no mundo e com o mundo.

Com relação à questão levantada pelos teóricos da abordagem sistêmica a respeito da tendência dos gestaltistas de saírem do mecanicismo e reducionismo e caírem no holismo, fazendo assim uma “redução ao todo”, fica evidente a não observação daqueles teóricos ao

aspecto de heterogeneidade na constituição do todo, o qual se organiza como uma unidade integrada a partir das inter-relações entre suas diferentes partes ou polaridades.

1.5. A personalidade na perspectiva da abordagem gestáltica

1.5.1. Os conceitos de *self* e de “eu”

Pretende-se neste tópico alcançar o conceito de personalidade a partir de uma compreensão a respeito de *self*. Um dos temas mais polêmicos da Gestalt-Terapia refere-se ao conceito de *self*. Segundo Ribeiro (1997), existem duas posições clássicas na literatura a respeito deste assunto.

A primeira identifica *self* com contato, afirmando claramente que o *self* só existe quando se está em contato. Neste caso, de acordo com Tenório (2003), o *self* é “um sistema psíquico de caráter existencial, dialógico, processual, dinâmico e variável. Ele está permanentemente se construindo através de contatos e atuando no meio, através de suas várias funções e múltiplos “eus”, que representam suas diversas formas de ser e estar no mundo.” (p. 5) Seguindo esta posição, torna-se claro que o *self* é holístico e relacional-existencial, ou seja, ele está em constante mudança e, por meio da união de elementos figurais, constitui a individualidade e identidade da pessoa, tornando-a fruto dos contatos que fez ao longo do tempo.

A segunda posição vê o *self* como um fundo, como um centro de onde emanam as diversas formas de contato. Nesta posição o *self* distingue-se do eu e deixa de ser definido como contato. Aqui, focaliza-se o aspecto estrutural e invariável do *self*, cuja a origem é anterior ao contato, e privilegia-se suas potencialidades inatas e essenciais, que fundamentam e preservam sua identidade.

Ribeiro (1997) define *self* como um sistema de personalidade, cuja função é alternar-se como figura e/ou como fundo nas relações com o mundo exterior. Assim, colocado no centro do ciclo, o *self* é agente de contato, subjetivo e objetivo, produzindo e sofrendo contato. Ele expressa-se via mecanismo de regulação orgânica, sendo ora saudável, quando estes mecanismos que dele dependem se encontram em posição de auto-regulação com o universo, e

ora doentio, quando o universo está, do ponto de vista energético, influenciando negativamente estes mecanismos, afetando, assim, sua própria unidade relacional.

De acordo com Tenório (2003) o *self* não é apenas contato, nem é somente processual, é também estrutural. Sua existência e constituição antecedem e transcendem o processo de contato. Dessa forma, mesmo antes ou depois dos contatos que estabelece com o mundo, o *self* continua sendo ele mesmo. Tem alguma coisa nele que permanece e que mantém a sua própria identidade, unidade e continuidade, apesar das diferentes experiências que vive ao longo de sua história.

Esta autora define o “eu” como a forma integrada, organizada e conceitual do *self*. Ele, além de sintetizar os vários papéis, experiências e sentidos subjetivos vivenciados pelo *self* ao longo de sua existência, dando-lhe a noção de mundo e de si mesmo, é também o executor do *self*, se relacionando com a realidade interna e externa, se responsabilizando por atividades na fronteira do contato, promovendo a integração, manutenção e reorganização de sua própria estrutura, enquanto preserva sua identidade. Com isso, o *self*, através da “função personalidade”, constitui-se como “eu” a partir da elaboração de um auto-conceito que engloba a percepção de seu funcionamento fisiológico e psicológico, emocional, racional e comportamental, assumindo uma significação afetiva e um valor subjetivo, de acordo com suas vivências no campo organismo/meio. No decorrer dessas experiências o “eu” vai sendo reformulado, em constante processo de ajustamento criativo e manutenção da própria identidade. Conclui-se, de acordo com Tenório (2003), que:

O Self é a totalidade essencial e existencial do organismo psíquico, que assume configurações parciais e diferenciadas, à medida em que vivencia suas diversas experiências de contato e atua concretamente no meio, revelando-se de forma específica para si mesmo e para os outros. O “eu” é o resultado da integração e organização de todas as vivências do Self no campo organismo/ meio. Ele representa o Self estruturado e organizado a partir da consciência de si mesmo e do outro, manifestando-se objetivamente no meio, através de padrões regulares de comportamento, que caracterizam sua individualidade e definem seu auto-conceito e identidade. (p. 14)

Tenório (*ibidem*) adotou em sua tese a posição de que o *self* se constitui basicamente de três funções: id, ego e personalidade. Essas três funções foram definidas por Perls, Hefferline e Goodman (1951/97), e se encontram na obra desta mesma autora:

- A “função id” do *self* corresponde à etapa do pré-contato, constituindo-se das fases de sensação e consciência do processo de contato. Nesta função, existe um fundo de desejos, necessidades, apetites e urgências do próprio organismo. A consciência é invadida por várias sensações e possibilidades, onde apenas algumas são priorizadas, e irão orientar o organismo para um determinado objeto a ser contatado no meio.
- A “função ego” corresponde às etapas do ciclo de auto-regulação orgânica nas quais se dão os processos de conscientização, mobilização de energia, ação e contato final. Nesta etapa, o *self* é autoconsciente, deliberado e ativo, sensorialmente alerta e metodicamente agressivo.
- É através da “função personalidade” que o *self* se autoconhece e se responsabiliza inteiramente pelas tarefas e papéis assumidos em seu contexto existencial. Essa função corresponde à etapa do pós-contato, que compreende as fases de satisfação e retraimento do ciclo de contato. O *self*, portanto, sintetiza e integra todas as suas formas de atuação no campo em um único “eu” que pensa, age e sente de maneira coerente com seu próprio auto-conceito e auto-imagem. Uma atividade da função personalidade é a de construção de um “eu primário” que dá origem a vários “eus secundários” – “eu real” e “eu ideal”, “eu original” e “eu introjetado” – atuando como coadjuvante da “função ego”. Neste sentido, através da “função personalidade”, ocorre a estruturação de um “eu”, que pensa, sente e age de maneira única e mais ou menos estável, cuja unidade é preservada pela identificação com as vivências que são compatíveis com seu auto-conceito e pela alienação daquelas que são incompatíveis, garantindo assim a manutenção de seu próprio senso de identidade.

Com estas funções, o “eu” busca sua auto-realização e crescimento de acordo com suas possibilidades no momento presente; vivencia os diferentes sentidos emocionais de suas experiências e, com base nestes sentidos, prepara suas ações futuras e evolui em sua capacidade para promover sua satisfação e bem estar.

1.5.2. A definição de Personalidade

De acordo com Tenório (2003), encontram-se alguns aspectos comuns a todas as definições de personalidade, os quais podem ser vistos como essenciais à este conceito:

- Organização e integração dos processos psicofísicos (pensamento, sentimento, ação) característicos do sujeito.
- Forma de ser e estar no mundo, típica de cada indivíduo, que permanece mais ou menos estável ao longo de sua vida.

De acordo com Delisle (1999) apud Tenório (2003), a Gestalt-terapia define personalidade como a síntese das experiências individuais em seus aspectos cognitivo, afetivo e sensório-motor, resultante de um processo de ajustamento criativo na interação organismo-meio, pelo qual são fixados certos padrões de comportamento e significações emocionais, caracterizados por formas saudáveis ou patológicas de fazer ou evitar contatos com o outro e consigo mesmo.

Perls, Hefferline e Goodman (1951/1997) apud Tenório (2003), falam que a personalidade, enquanto um sistema pré-determinado de respostas, é um indicador de patologia. Eles explicam esse fato dizendo que o *self*, nas circunstâncias ideais, não tem muita personalidade. Assim, quando o *self* tem uma estrutura forte de personalidade, ele está carregado de inúmeras situações inacabadas, as quais geram atitudes inflexíveis diante das diversas circunstâncias ambientais.

A G.T², então, entende por personalidade uma certa regularidade ou estabilidade das respostas do sujeito diante das mais variadas circunstâncias do campo organismo/meio. Esta estabilidade e regularidade do funcionamento individual indica a existência de uma estrutura psíquica organizada e coerente, que é vivenciada conscientemente como sendo o “eu”, com características, subjetividade e identidade próprias. O “eu” é, portanto, a personificação da personalidade. Assim, a personalidade se expressa e só pode ser observada através das manifestações do “eu”, ou seja, através de sua atuação concreta no meio ambiente, ou de sua linguagem, na qual sua subjetividade se revela. (Tenório, 2003)

² Abreviatura de Gestalt-Terapia.

Na opinião desta autora, quando o “eu” não consegue estabelecer uma relação harmoniosa com o seu meio, quando sua forma de estabelecer ou evitar contatos com seu mundo interno e externo gera conflitos, ansiedade e sofrimento, pode-se dizer que sua estrutura encontra-se ameaçada e fragilizada. Nesse estado, o “eu” passa a ter padrões de comportamentos rígidos e repetitivos, diminuindo o contato com o meio e consigo mesmo, deixando de ser espontâneo. Estas características definem os transtornos de personalidade ou as neuroses.

1.5.3. Os mecanismos de bloqueio do contato

Os teóricos da G.T. explicam que a interrupção do fluxo natural da experiência humana, gera distúrbios na fronteira do contato no campo organismo/meio, os quais caracterizam o padrão neurótico de funcionamento, como também a estrutura de personalidade do indivíduo. O sujeito, então, passa a se utilizar de mecanismos de bloqueio do contato, os quais serão descritos logo abaixo de acordo com estes teóricos:

A **fixação**, segundo Ribeiro (1997), pode ser sintetizada pela frase “parei de existir”. (p.43). Ela seria o processo pelo qual a pessoa se apega excessivamente aos outros, idéias, ou coisas, e temendo surpresas diante do novo e da realidade, sente-se incapaz de explorar situações que flutuam rapidamente, permanecendo fixada em coisas e emoções, sem verificar as vantagens de tal situação. Tem medo de correr riscos.

A **dessensibilização**, segundo este mesmo autor, é o processo pelo qual a pessoa se sente entorpecida, fria diante de um contato, com dificuldade para se estimular. Sente uma diminuição sensorial em seu corpo, não diferenciando estímulos externos, e perdendo o interesse por sensações novas e mais intensas. A frase que define esse bloqueio é “não sei se existo”. (p.43). Segundo Enright (1970) apud Tenório (2003) a dessensibilização também pode se tornar uma forma de “escotoma” ou ponto cego, que também quer dizer redução sensorial, frigidez. De acordo com Tenório, para esse autor, a dessensibilização é, essencialmente, a diminuição da “*awareness*” pela redução da acuidade de uma mobilidade sensorial, como escutar, enxergar, etc.

Ribeiro (1997) diz que **deflexão** pode ser definida pela frase “nem ele nem eu existimos”. (p. 43). Ela é o processo pelo qual a pessoa evita o contato pelos seus vários sentidos, ou faz isso de uma maneira vaga e geral, desperdiça sua energia na relação com o outro, usando um contato

indireto, linguagem vaga, excessiva ou polida demais, sem ir diretamente ao assunto. Sente-se apagada, incompreendida, pouco valorizada, afirmando que nada dá certo em sua vida. Nunca sabe porque as coisas acontecem com ela e como acontecem. Dias (1994), acrescenta que a pessoa que se utiliza da deflexão geralmente não consegue se esforçar o suficiente para obter os resultados que espera em seus empreendimentos; quando consegue descobrir o que realmente quer, dificilmente sabe como fazer para atingir seu objetivo de modo satisfatório; e quando alguma coisa lhe incomoda, faz tudo para esquecer ou deixar de lado, em vez de enfrentar o problema para tentar resolvê-lo.

Ribeiro (*ibidem*) diz que na **introjeção** a pessoa obedece e aceita opiniões arbitrárias, normas e valores que pertencem aos outros, engolindo coisas dos outros sem querer, e sem conseguir defender seus direitos por medo da sua própria agressividade e da dos outros. Deseja mudar, mas teme sua própria mudança, preferindo a rotina, simplificações e situações facilmente controláveis. Pensa que as pessoas sabem mais do que ela o que é bom ou ruim para ela. Gosta de ser mimada. Este processo, então, pode ser definido pela frase: “Ele existe, eu não.” (p.43). Dias (*ibidem*) cita algumas características do introjetor: para se sentir aceita pelos outros é capaz de assumir a responsabilidade pelos erros que não cometeu; prefere as soluções rápidas, mesmo que estas não satisfaçam plenamente seus objetivos; para se relacionar bem com os outros, sente que precisa fazer tudo para agradá-los; assume com facilidade as tarefas que os outros lhe impõe; costuma seguir normas e valores exigidos pela sociedade; acha melhor abrir mão de seus interesses do que ter que brigar por eles; e em situações de conflito costuma achar que está errada e os outros estão certos. Perls (1975/1981, apud Tenório, 2003) afirmou: “A introjeção é o mecanismo neurótico pelo qual incorporamos em nós normas, atitudes, modos de agir e de pensar, que não são verdadeiramente nossos (...) É a tendência para fazer a si mesmo responsável pelo que na realidade faz parte do meio.” (pp. 47 e 48)

Dias (1994) descreve a **projeção** por meio destas características no indivíduo: procura resolver sozinho e silenciosamente as questões de interesse próprio, que podem despertar cobiça e inveja nas outras pessoas; sente que o mundo é perigoso e traiçoeiro; em geral, fica com um pé atrás nos seus relacionamentos com as pessoas; acha difícil reconhecer em si mesmo os defeitos que aponta nos outros; tem uma tendência para desconfiar da maioria das pessoas; acha mais fácil culpar os outros pelos seus erros e suas derrotas; pensa que os outros por inveja, lhe impedem de conquistar seus objetivos; tem uma tendência para desvalorizar e afastar as pessoas que julga

ameaçadoras e/ou inferiores a ele; em geral, sente-se perseguido e prejudicado pelos outros; nas questões de interesse grupal, procura induzir as outras pessoas a tomarem as decisões, no sentido de se livrar de qualquer responsabilidade; sente que tem facilidade em perceber as intenções, planos e necessidades das outras pessoas, utilizando suas intuições para se defender; em situações de conflito, costuma achar que ele está certo e os outros estão errados; quer ter amigos, mas tem dificuldade de se aproximar e confiar nas pessoas.

De acordo com Ribeiro (1997), a **proflexão** é o processo pelo qual a pessoa deseja que os outros sejam como ela quer que eles sejam, ou que sejam como ela mesma é, manipulando-os a fim de receber deles aquilo que precisa, seja fazendo o que elas gostam, seja submetendo-se passivamente a eles, sempre na esperança de ter algo em troca. A frase “eu existo nele” pode explicitar ainda mais esse bloqueio de contato. (p. 44). Segundo Tenório (2003), o proflector embora precise muito do outro, não gosta de demonstrar para este suas carências e fraquezas, demonstrando o que não é no sentido de conquistar o outro. Além disso, em geral, o que ele quer mesmo é que o outro imite seu gesto e lhe responda da maneira que deseja; tem uma grande necessidade de que o outro preencha suas carências já que lhe faltam auto-suporte, auto-confiança e auto-estima; e, em geral, assume papel de vítima ou heroína, sofrendo sem reclamar, não desistindo de fazer tudo pelo outro, mesmo que este não faça nada por ela, no entanto constrói silenciosamente uma profunda mágoa com relação a ele.

Na opinião de Ribeiro (*op.cit.*), a **retroflexão** é o processo pelo qual a pessoa deseja ser como os outros desejam que ela seja, ou ser como eles próprios são, dirigindo para ela mesma a energia que deveria dirigir a outrem. Arrepende-se com facilidade, por se considerar inadequada nas coisas que faz, por isso as faz e refaz várias vezes, para não se sentir culpada depois. Gosta de estar sempre ocupada e acredita que pode fazer melhor as coisas sozinha do que com a ajuda dos outros. Deixa de fazer coisas com medo de ferir e ser ferida. Sente que, muitas vezes, é inimiga de si mesma. De acordo com este mesmo autor, a seguinte frase define-a melhor: “Ele existe em mim.” (p.44). No trabalho de Dias (1994), encontramos outras características do retroflector: costuma fazer a si mesma aquilo de que gostaria de fazer aos outros ou que os outros lhe fizesse; sente que se basta e que pode viver muito bem sem precisar dos outros; em geral, o contato físico com as outras pessoas lhe incomoda; costuma controlar excessivamente seus impulsos de raiva e de choro; é tão cautelosa e prudente em tudo o que faz, que acaba limitando sua criatividade; perde oportunidade de seu interesse porque não consegue tomar decisões rapidamente.

O **egotismo**, segundo Ribeiro (1997), é o processo pelo qual a pessoa se coloca sempre como o centro das coisas, exercendo um controle rígido e excessivo no mundo for a dela, pensando em todas as possibilidades para prevenir futuros fracassos ou possíveis surpresas. Impõe tanto sua vontade e desejos que deixa de prestar atenção ao meio à sua volta, usufruindo pouco e sem vibração o resultado de suas manipulações. Tem muita dificuldade em dar e receber. “Eu existo, eles não.” (p.44). Tenório (2003) cita Yontef (1988, apud Clarkson 1989, p. 55): “o egotista crônico pode resultar em habituais padrões de personalidade descritos como distúrbios narcisistas de personalidade, onde a falta de empatia, o penetrante padrão de grandeza e a hipersensibilidade para avaliar os outros se tornam rígidos.” Assim, segundo esta mesma autora, a pessoa egotista é aquela que: sente que qualquer fracasso pode afetar profundamente sua auto-estima e vaidade; normalmente bloqueia sua espontaneidade pelo excesso de controle e observação de si mesma; acha imprescindível preservar sua privacidade; sente-se superior e mais capaz em relação à maioria das pessoas; costuma manter suas emoções e sentimentos sob controle para evitar que estes interfiram na execução de suas tarefas; e sente que é mais fácil ser admirada e valorizada pela sua competência profissional e pelo seu caráter ilibado do que pela sua generosidade e sensibilidade afetiva.

Frase que define a pessoa confluyente segundo Ribeiro, *op.cit*: “Nós existimos, eu não.” De acordo com este autor, a confluência é o processo pelo qual a pessoa se liga fortemente aos outros, sem diferenciar o que é dela do que é deles, diminui as diferenças para sentir-se melhor e semelhante aos demais e, embora com sofrimento, termina obedecendo a valores e atitudes da sociedade ou dos pais. Gosta de agradar aos outros, mesmo não tendo sido solicitada e, temendo o isolamento, ama estar em grupo, agarrando-se firmemente aos outros, ao antigo, aceitando até que decidam por ela coisas que a desagradam. Características da pessoa confluyente segundo Dias (1994): em geral, sente-se insegura quando está só; tem necessidade de fazer o que os outros querem e quando não consegue, sente-se culpada; acha fundamental conviver bem com os outros, mesmo que para isso tenha que abrir mão de seus próprios interesses; em geral, não consegue perceber com clareza aquilo que realmente quer; sente que precisa do apoio da outra pessoa para definir seus objetivos e traçar seu caminho; procura manter suas relações em perfeita harmonia, evitando qualquer tipo de conflito ou desentendimento.

É importante ressaltar que os mecanismos de bloqueio do contato, quando utilizados apenas em algumas situações, à título de defesa do organismo contra alguma situação ameaçadora, não

apresentam nenhum problema ao indivíduo, nem mesmo algum distúrbio de personalidade. Porém, quando a pessoa tem uma tendência para perceber a realidade de forma distorcida, transferindo para o presente as situações inacabadas do passado e junto com elas, todas as formas de bloqueio do contato que naquela ocasião funcionaram como única resposta viável, mas que agora tornam-se inadequadas e obsoletas, pode-se dizer que esta pessoa tem um transtorno de personalidade ou um distúrbio neurótico de comportamento.

1.5.4. As tendências para fixação na abertura e no fechamento da fronteira de contato

Alguns teóricos da Gestalt Terapia, como Swanson (1988) e Crocker (1988), acreditam que as pessoas, de uma maneira geral, se diferenciam basicamente por duas formas de funcionamento, ou dois tipos de personalidade: ou elas tendem a se fixar no contato, permanecendo numa postura de abertura, confiança e aproximação indiscriminada com relação aos outros, ou tendem a se fixar no retraimento, permanecendo numa postura de fechamento, desconfiança e afastamento generalizado com relação ao mundo fora delas. Assim, essas duas tendências se caracterizam pela rigidez e fixação em uma das polaridades do ciclo de contato: abertura ou fechamento, aproximação ou afastamento, ou constituem formas de defesa desenvolvidas pela função ego do *self*, no sentido de evitar conflitos na relação com seu próprio mundo interno ou externo. Então, a introjeção, a confluência e a proflexão se caracterizam essencialmente por um estado de abertura da fronteira de contato, manifestado por uma atitude de confiança, apego e identificação com o outro, enquanto a projeção, o egotismo e a retroflexão refletem uma postura de fechamento da fronteira, evidenciada por uma atitude de desconfiança, desapego e alienação do outro. (Tenório, 2003)

Tenório (*op.cit.*) fala, em sua obra, que os indivíduos que têm tendência para fixação na abertura apresentam como traços fundamentais a super valorização do outro de uma maneira geral e a grande dependência emocional em relação a este, gerando um profundo sentimento de inferioridade, fragilidade e menos valia referente a si mesmos. Por isso, são desenvolvidas inúmeras estratégias de defesa e manipulação, sempre com o objetivo de evitar o abandono e manter a atenção, a consideração positiva e o apoio do “outro” voltados para eles. Outra

característica essencial da pessoa fixada na abertura da fronteira de contato é a fraca definição de sua própria individualidade e identidade, tornando-a extremamente vulnerável e influenciável. Neste sentido, seu “eu” se confunde freqüentemente com o outro, à medida que se identifica facilmente com ele e transfere para este todo o poder e a responsabilidade em promover seu próprio bem estar e felicidade. Assim, suas fronteiras estão sempre abertas na direção do outro e seu foco de atenção está mais no mundo externo do que no mundo interno.

Esta mesma autora diz que os indivíduos que têm tendência para fixação no fechamento, manifestam uma postura de defesa e proteção com relação aos outros em geral. De certo modo, estas pessoas são um tanto fóbicas com relação aos outros, pois o contato com estes normalmente representa certo risco ou ameaça. Como defesa, estas pessoas, geralmente, passam, estrategicamente, a impressão de que são superiores e auto-suficientes. Embora também valorizem bastante o outro, costumam manifestar certo desprezo e indiferença em suas relações com as pessoas, por acreditarem que não podem confiar muito nelas. Normalmente, sentem uma grande necessidade de que os outros lhe valorizem, lhe admirem e respeitem, para que possam se sentir bem consigo mesmas. Por esse motivo, se preocupam tanto em preservar sua imagem, tentando esconder suas fragilidades e defeitos, emoções e sentimentos, passando um ar de mistério, perfeição e auto-controle. Além disso, estas pessoas parecem estar mais voltadas para dentro de si mesmas, mantendo muito mais contato com o seu mundo interno do que com seu mundo externo; seu foco está mais no próprio “eu” do que no outro, o qual muitas vezes é observado como parâmetro para sua própria avaliação e auto-estima.

2. METODOLOGIA

2.1. A pesquisa qualitativa em seus principais aspectos

De acordo com Cervo e Bervian (1983) apud Tenório (2003), em termos gerais, a pesquisa qualitativa se caracteriza por ser essencialmente descritiva, e seu objetivo é observar, registrar, analisar e correlacionar fatos ou fenômenos sem manipulá-los.

Martins e Bicudo (1987), no entanto, dizem que para que se possa entender melhor o conceito de pesquisa qualitativa, deve-se esclarecer os significados de fato e de fenômeno, uma vez que a pesquisa quantitativa trabalha com fatos e a qualitativa, com fenômenos. A idéia de fato tem seus fundamentos na lógica de Stuart Mill, e posteriormente, no empirismo, no cartesianismo e no positivismo clássico. Fato, então, seria tudo aquilo que pode se tornar objetivo e rigorosamente estudado enquanto objeto da Ciência. A idéia de fenômeno encontra suporte nas visões idealistas, neo-idealistas, existencial e fenomenológica a respeito de realidade e de conhecimento. O significado de fenômeno vem da expressão grega *fainomenon* e deriva-se do verbo *fainestai*, que quer dizer mostrar-se a si mesmo. Assim, *fainomenon* significa aquilo que se mostra, que se manifesta.

A pesquisa qualitativa busca uma compreensão particular daquilo que estuda, não se preocupando com generalizações, princípios e leis. O foco da sua atenção centraliza-se no específico, no peculiar, no individual, almejando sempre a compreensão e não a explicação dos fenômenos estudados. (Martins e Bicudo, 1987).

De acordo com estes mesmos autores, talvez fosse melhor chamar *pesquisa qualitativa* de *análise qualitativa* na pesquisa, entendida como uma forma de trabalho metodológico das Ciências Humanas. Na atividade de pesquisa desenvolvida por estas ciências, o recurso básico e

inicial é a descrição. Através dela tenta-se focalizar o que surge do interior da linguagem na qual o homem está mergulhado, na maneira pela qual representa o mundo para si mesmo, falando o sentido das palavras e preposições e obtendo uma representação da própria linguagem.

González Rey (2002, pp.31-35) ao falar sobre epistemologia qualitativa, cita três princípios nos quais ela se apóia:

- **O conhecimento é uma produção construtiva-interpretativa:** o conhecimento não é uma soma de fatos definidos por constatações imediatas do momento empírico. Há a necessidade de dar sentido a expressões do sujeito estudado, cuja a significação para o problema objeto de estudo é só indireta e implícita. Através da interpretação, o pesquisador integra, reconstrói e apresenta em construções interpretativas diversos indicadores obtidos durante a pesquisa, os quais não teriam o menor sentido se fossem tomados de forma isolada, como constatações empíricas;
- **Caráter interpretativo do processo de produção do conhecimento:** as relações entre pesquisador e pesquisado são uma condição para o desenvolvimento das pesquisas nas ciências humanas e o interativo é uma dimensão essencial do processo de produção de conhecimentos, um atributo constitutivo do processo de estudo dos fenômenos humanos;
- **Significação da singularidade como nível legítimo da produção do conhecimento:** a singularidade se constitui como forma diferenciada na história da constituição subjetiva do indivíduo. Trabalha-se, então, o sujeito como singularidade, identificando-o como forma única e diferenciada de constituição subjetiva.

Neste sentido, optou-se neste trabalho por desenvolver a pesquisa através de estudos de casos, já que este procedimento permite um conhecimento mais rico acerca da subjetividade e individualidade de cada sujeito, além dos sentidos próprios que cada um revela a respeito de suas vivências.

O tema deste trabalho foi definido a partir do estudo teórico das pesquisas realizadas por especialistas da abordagem sistêmica em relação à vivência da separação conjugal dos pais pelos filhos, além de alguns conceitos propostos pela Gestalt Terapia, tais como, mecanismos de bloqueio do contato e tendência para abertura e fechamento da fronteira do contato.

Os principais objetivos deste estudo foram:

- investigar a vivência de cada sujeito em relação à separação de seus pais;
- indicar as consequências causadas por essa separação na vida dos sujeitos estudados;
- verificar as possíveis modificações nos traços de personalidade dos sujeitos relacionadas à separação conjugal de seus pais;

2.2. Procedimentos Metodológicos

2.2.1. Escolha dos sujeitos

Foram escolhidos dois sujeitos filhos de pais separados, do sexo feminino, com a faixa etária entre 20 e 30 anos e que tinham aproximadamente a mesma idade quando vivenciaram o processo de separação de seus pais. Os sujeitos eram ambos de classe média, com 3º grau incompleto. Optou-se por dois sujeitos, por acreditar que este número era suficiente para se alcançar o objetivo do trabalho, que não era o de fazer uma generalização em relação ao universo de pessoas que enfrentaram a separação de seus pais, e sim ter uma melhor compreensão deste universo a partir da especificidade de cada caso escolhido.

Segundo Tenório (2003): “A amostra constituída por dois sujeitos é considerada adequada dentro da metodologia qualitativa, uma vez que, neste enfoque metodológico os critérios amostrais são substituídos pela qualidade expressiva da amostra em relação ao problema estudado.” (p. 144)

A este respeito González Rey (2002) diz o seguinte:

O conhecimento científico, a partir desse ponto de vista qualitativo, não se legitima pela quantidade de sujeitos a serem estudados, mas pela qualidade de sua expressão. O número de sujeitos a serem estudados responde a um critério qualitativo, definido essencialmente pelas necessidades do processo de conhecimento que surgem no curso da pesquisa. (p. 35)

Os sujeitos, ao serem convidados para fazer parte da pesquisa, foram informados quanto à preservação de seus anonimatos e quanto aos objetivos, conteúdo e duração das entrevistas. Além

disso, foi solicitada autorização (apêndice 1) destes para que seus depoimentos fossem gravados e pudessem ser utilizados para a elaboração da presente monografia.

Com os esclarecimentos feitos a respeito da pesquisa, os sujeitos se sentiram à vontade para colaborar com a investigação, além de se mostrarem interessados em compreender melhor suas respectivas personalidades e certas reações que tiveram, as quais relacionam com a separação conjugal de seus pais.

2.2.2. Processo de coleta de dados

Para a coleta dos dados, foi utilizado como instrumento a entrevista semi-estruturada, cujo roteiro baseou-se nas pesquisas realizadas por diversos teóricos da abordagem sistêmica a respeito da separação conjugal, e nos conceitos da Gestalt Terapia em relação aos mecanismos de bloqueio do contato.

Segundo González Rey (2002): “As construções do sujeito diante de situações pouco estruturadas produzem uma informação qualitativamente diferente da produzida pelas respostas a perguntas fechadas, cujo sentido para quem as responde está influenciado pela cosmovisão do pesquisador que as constrói.” (p. 4)

As entrevistas foram realizadas em dois dias, sendo um dia para cada sujeito. Com o sujeito um, a entrevista durou aproximadamente duas horas, e com o sujeito dois, aproximadamente uma hora e meia. A entrevista com o sujeito um foi realizada na casa da entrevistadora, já com o sujeito dois, a entrevista foi realizada em um dos consultórios do CENFOR (Centro de Formação para Psicólogos do UniCEUB).

O roteiro da entrevista (apêndice 2) foi utilizado apenas a título de orientação para a entrevistadora, no sentido de garantir que os dados fossem coletados de forma satisfatória, alcançando, assim, todos os objetivos propostos pela pesquisa. As questões não foram abordadas de maneira uniformizada, respeitando-se o momento de cada sujeito e a pertinência de cada pergunta de acordo com o contexto. Desse modo, algumas perguntas foram modificadas ou elaboradas de forma improvisada.

De acordo com Martins e Bicudo (1987):

Quando se conversa (dialoga) com os respondentes que tomam parte de uma pesquisa qualitativa com a finalidade de obter-se informações úteis e importantes, de relevância para ambos, pesquisador e entrevistado, é impossível seguir as regras e o rigor encontrados nos textos concernentes à metodologia de pesquisa empírica que tratam a entrevista como “método”. Ela não é um método. É apenas um recurso metodológico. (pp. 53 e 54)

De acordo com González Rey (2002), na pesquisa qualitativa, os instrumentos deixam o papel de protagonistas para dar lugar às relações entre pesquisador e sujeito pesquisado. O sujeito pesquisado passa a ser essencial nesse tipo de pesquisa, no entanto não representa uma entidade objetiva, homogeneizada pelo tipo de resposta que deve dar, mas é reconhecido em sua singularidade como responsável pela qualidade de sua expressão, relacionada com a qualidade de seu vínculo com o pesquisador.

Em alguns momentos da entrevista, os sujeitos chegaram a alcançar uma maior compreensão do que haviam vivido no momento da separação de seus pais, após a separação, e do que vivem ainda hoje e que tem ligação com essa experiência. Além disso, os sujeitos também começaram a ter uma melhor percepção a respeito de si mesmos, o que nem sempre gerava satisfação.

A postura assumida pela pesquisadora ao longo das entrevistas foi espontânea, natural, colocando em suspenso quaisquer tipos de preconceitos, pressupostos ou hipóteses, sendo receptiva a tudo o que o entrevistado desejasse falar, respeitando-o em todos os momentos.

2.2.3. Análise dos dados

As entrevistas foram analisadas por meio da técnica de **análise de conteúdo** proposta por Bardin (1979). Iniciou-se a análise a partir da transcrição e reunião das entrevistas, o que constituiu o *corpus* da pesquisa. Depois, os dados brutos foram transformados e organizados em unidades, as quais permitiram uma descrição das características pertinentes do conteúdo. Com isso, as unidades de registro foram agrupadas em categorias, em razão das características que

tinham em comum umas com as outras. A partir daí, foi possível fazer a interpretação dos resultados.

3. RESULTADOS DA ANÁLISE DE CONTEÚDO

SUJEITO 1

a) Categoria 1: Vivência do processo de separação dos pais

Definição: esta categoria refere-se à forma como a pessoa vivenciou e vivencia hoje a separação de seus pais e que tipos de consequências este fato teve em sua vida.

SÍNTESES DOS TEMAS ABORDADOS NESTA CATEGORIA RELACIONADOS ÀS VERBALIZAÇÕES

1. Experiência antes da separação

- Relata que o clima em sua casa era muito tenso, com brigas o tempo todo, seus pais falando em se separar, culminando com a saída de casa do seu pai. Relata, ainda, que viu poucos momentos de relacionamento marido e mulher entre seus pais.

Verbalizações

- “Antes eu já tinha visto meu pai sair de casa (...).”
- “(...) já vi brigas horrorosas, brigas mais ou menos, na verdade eu vi poucos momentos de marido e mulher como deveria ser, ou pelo menos como eu acho que deveria ser.”

- “Eles brigavam muito.”
- “(...) desde que eu tinha uns oito anos que eu me lembro deles comentando alguma coisa de se separar, mas nunca se separaram.”

2. Experiência durante a separação

- Tem lembranças muito vagas a respeito deste momento. A decisão da separação de seus pais não foi compartilhada nem com ela, nem com seu irmão, chegando até eles somente quando tudo estava decidido. O sujeito se sentiu triste e chorou muito.

Verbalizações

- “Mas no momento assim em si eu não me lembro com clareza (...).”
- “(...) chorei pra caramba (...).”
- “Não me lembro do meu pai ter falado nada.”
- “Quando minha mãe falou que ia se separar já estava tudo decidido.”
- “Eu e o meu irmão não ficamos no meio da história nessa hora. Eles não dividiram nada com a gente.”
- “(...) acho que confusa não, eu acho que eu fiquei muito triste.”

3. Percepção em relação ao futuro

- Se sentia tranqüila em relação ao que estava por vir, pois sua mãe sempre a confortava.

Verbalização

- “(...) fiquei tranqüila em relação ao que estava por vir. Minha mãe falava que meus pais iam ser amigos, que eles só não iam estar mais morando juntos. Mas que eu ia continuar encontrando o meu pai, que ele ia continuar freqüentando a minha casa e... ele não ia ser inimigo nem nada.”

4. Experiência depois da separação

- Para ela, no início da separação era até bom, pois passava mais tempo com o seu pai e percebeu uma melhora no relacionamento da família. Porém, ela acha que as coisas começaram a piorar quando o seu pai arranhou uma namorada, o que acabou afastando novamente a família e criando problemas entre seus pais.

Verbalizações

- “No começo eu acho que foi até bom assim, porque quando eu passava o fim de semana com o meu pai era bem aproveitável. (...) Ficava boa parte do fim de semana junto, o que não necessariamente acontecia quando a gente morava na mesma casa.”
- “Minha mãe e meu pai conseguiam almoçar juntos e ficar bem todo mundo. E eram momentos bons.”
- “No início, melhorou o relacionamento com o meu pai e da família em si (...)”
- Até que chegou uma época, que eu imagino que seja a época que meu pai começou a namorar a mulher dele, e ele foi se afastando. (...) a minha mãe ficou magoada. (...) aí foi ficando difícil (...) aí aquela coisa de ser amigo, de frequentar a casa foi tudo por água a baixo.”

5. Significação da separação atualmente

- Não consegue imaginar como seria sua vida, se seus pais ainda estivessem casados. Apesar disso, diz que não gostaria que eles tivessem se separado, que preferia que eles estivessem juntos mesmo com todos os conflitos. Mas acha que pensando racionalmente foi a melhor solução, já que seus pais não conseguiram resolver seus problemas de outra forma.

Verbalizações

- “Nem consigo mais imaginar a minha vida com os meus pais juntos.”
- “Se você perguntar se eu gostaria que eles tivessem se separado eu digo que não (...). Se eles não conseguiram resolver de nenhuma outra forma né, de repente foi melhor.”

- “Racionalmente é melhor assim, emocionalmente não.”
- “Se eu for ouvir meu coração, eu preferia que eles estivessem juntos mesmo com todos os conflitos. Se eu for ouvir a minha cabeça, não.”

6. Pontos positivos e negativos da separação

- Acredita que, depois da separação, tanto ela quanto seu irmão adquiriram mais liberdade. Sente falta da sua família e da casa onde morava que tinha reuniões constantes com amigos. Acabou se distanciando do pai e do irmão, os quais moram juntos em um outro apartamento.

Verbalizações

- “Acho que a gente tem mais liberdade, eu e o meu irmão. (...) a parte boa, mudou a liberdade, (...) eu tenho muito mais liberdade (...).”
- “Hoje em dia afeta a distância do meu pai, a distância do meu irmão.”
- “Antes eu morava numa casa e sempre tinha muita festa, muito churrasco, muita reunião, muita gente, sempre (...). Agora isso é muito raro, agora eu moro num apartamento, e quase não tem festa, quase não tem gente na minha casa, não tem nem família.”
- “Sinto falta da minha família e das reuniões.”

7. Expectativas em relação ao próprio relacionamento conjugal

- Quer que seu relacionamento conjugal seja diferente do relacionamento conjugal dos seus pais. Porém, acha que é mais fácil que seja igual o dos seus pais do que igual o dos seus avós, que tem como modelo, e isso a deixa com medo. Contudo, quer encontrar alguém que a ame e conseguir ter um casamento bem sucedido. Para ela, casamento é construir uma família. Acha que as pessoas não estão dando mais importância à família.

Verbalizações

- “(...) eu tenho medo de casar e não dar certo (...).”

- “(...) eu quero muito ter um casamento igual o dos meus avós. (...) é muito difícil ter um casamento igual o dos meus avós, eu quero muito que não seja igual o dos meus pais.”
- “Eu sinto mais medo, mais ao mesmo tempo eu tenho mais consciência de que é mais provável que seja como o dos meus pais do que como o dos meus avós. Talvez justamente por ter mais consciência de que é mais fácil ser assim, que eu tenha mais medo.”
- “Eu espero conhecer uma pessoa que eu ame e que me ame, como todo mundo, mas que a gente consiga resolver as nossas dificuldades e não deixar ir acumulando pra não acontecer...”
- “Pra mim casamento é construir uma família, acho que é para isso que as pessoas se casam, sei lá... as pessoas não dão mais importância para a família.”

b) Categoria 2: Auto-Imagem

Definição: Esta categoria se refere à descrição que a pessoa faz de si mesma e à forma como percebe sua própria maneira de ser, sugerindo aspectos de sua auto-imagem.

SÍNTESES DOS TEMAS ABORDADOS NESTA CATEGORIA RELACIONADOS ÀS VERBALIZAÇÕES

1. Perfeccionismo associado ao sentimento de culpa

- Diz ser perfeccionista apenas para as tarefas que tem interesse em fazer, nas quais deseja ser a melhor. Já para as tarefas que se sente na obrigação de realizar, diz não ser perfeccionista. Apesar disso, quando não consegue desempenhar bem qualquer tipo de tarefa fica chateada consigo mesma, chegando a se culpar um pouco. Acredita que sempre tem participação nas coisas que dão errado, não delegando a culpa apenas para os outros.

Verbalizações

- “Pras coisas que eu estou interessada em fazer, eu sou perfeccionista. Agora, pras coisas que eu tenho que fazer, mas que não estou fazendo porque eu realmente desejo, mas só porque eu tenho que fazer, daí eu não sou não. As que eu quero fazer, eu quero ser a melhor.”
- “Quando eu não consigo desempenhar bem uma tarefa eu fico chateada... eu fico um pouco chateada às vezes comigo mesma, que de repente poderia ter me esforçado mais. (...) Me culpo um pouco (...) Mas eu acho que eu sempre tenho participação nas coisas, a culpa nunca é só dos outros.”

2. Autocobrança

- Costuma ser exigente consigo mesma e com os outros. Se preocupa com a imagem que passa para os outros, se cobrando para não decepcioná-los. Diz estar tentando mudar isso.

Verbalização

- “Costumo ser exigente comigo e com os outros (...).”
- “Eu me preocupo com a imagem que passo para os outros. Eu acho que eu me cobro para corresponder as expectativas dos outros. Gostaria de ser uma pessoa que não desagrada o outro, que sempre corresponde às suas expectativas (...). Eu estou tentando não fazer mais isso.”

3. Bloqueio da espontaneidade

- Não se sente à vontade em situações novas ou com pessoas estranhas, deixando de se expressar livremente. Procura evitar qualquer tipo de comportamento impulsivo para não se sentir vulnerável aos outros, e se sente incomodada quando não consegue controlar impulsos de raiva.

Verbalizações

- “Bloqueio a minha espontaneidade para não me expor demais aos outros.”

- “Não me sinto à vontade em situações novas ou com pessoas estranhas nem um pouco.”
- Não costumo expressar minhas idéias e sentimentos para outras pessoas. (...) Costumo ser uma pessoa ponderada, discreta, procurando evitar qualquer tipo de impulsividade.”
- “Tenho dificuldade de mostrar pros outros minhas carências e fraquezas. Na verdade é mais uma forma de proteção, pra não me sentir vulnerável.”
- “Chorar eu não me importo muito não, não me sinto mal não, posso até, sei lá, pensar que não precisava, mas também não fico me culpando nem nada. Agora de raiva, se eu estouro com alguma situação que eu acho que não precisava, aí eu fico um pouco incomodada, pensando que outra forma que eu poderia ter feito a coisa.”

4. Introversão e contato consigo mesma

- Já gostou mais de ter um tempo para si mesma, mas, apesar disso, ainda gosta. Se considera uma pessoa mais voltada para dentro de si mesma.

Verbalizações

- “Eu já gostei mais de ficar sozinha, mas normalmente eu ainda gosto.”
- “Eu me considero uma pessoa mais voltada para dentro de mim mesma.”

5. Auto-Estima

- Apresenta baixa auto-estima, o que pôde ser observado por ter falado muito mais a respeito de seus defeitos do que de suas qualidades, além de ter tido muita dificuldade para apontar suas qualidades. Apesar disso, deu uma nota cinco e depois mudou para sete em relação à sua auto-estima.

Verbalização

- “Eu acho que eu sou, apesar de eu ter 22 anos, eu acho que eu sou uma garotinha assustada e... já estou falando os meus defeitos... ansiosa, e que faz muita coisa na vida por causa

outros, e... uma pessoa que não sabe se proteger, que não sabe se defender dos outros, que não sabe lutar por ela mesma (...). É, mas aí eu vou me defender agora, eu sou um pessoa alegre, gosto da vida apesar de tudo... eu acho que é isso. Eu nem falei que eu sou desastrada. Eu acho que essa coisa de eu passar essa imagem de desprotegida tem vantagens, porque aí eu tenho algumas pessoas cuidando de mim, e eu gosto. Essa parte de ser uma menininha carente não é um ponto positivo, eu acho ruim, tem essa parte boa, mas eu acho que é mais ruim do que bom. (...) eu acho que eu passo a imagem de uma pessoa confiável (...). Nota para a auto-estima: cinco. Nem sei porque eu falei isso. Assim, é porque é mais fácil de eu ver as minhas coisas ruins, mas isso não significa que eu não tenha nada de bom (...). (...) se você tivesse me perguntado antes, talvez eu tivesse respondido assim uns sete.”

6. Dificuldade e ponderação nas decisões e atitudes

- Costuma se sentir em dúvida na hora de tomar decisões. Não costuma avaliar muito atitudes que já tenha tomado, porém, avalia tanto as que tem que tomar, que acaba desistindo.

Verbalizações

- “Eu costumo me sentir muito em dúvida quando tenho que fazer alguma escolha, ou tomar qualquer tipo de decisão.”
- “Horas, eu não consigo passar horas pensando nessas coisas não... eu não fico pensando muito no passado não. (...) Das atitudes que eu já fiz eu acho que eu não avalio muito não, mas das que eu estou pensando em fazer acaba que eu avalio demais, e acabo não fazendo nada.”

7. Dificuldade para reconhecer seus erros

- Tem dificuldade para assumir seus erros, colocando a culpa nas circunstâncias.

Verbalização

- “Eu coloco mais a culpa nas circunstâncias. (...) Eu acho que eu tenho dificuldade de assumir meus erros.”

c) Categoria 3: Relação com o outro

Definição: Esta categoria se refere à percepção que a pessoa tem do “outro” e de sua relação com ele.

SÍNTESES DOS TEMAS ABORDADOS NESTA CATEGORIA RELACIONADOS ÀS VERBALIZAÇÕES

1. A relação com o outro no desempenho de tarefas

- Gosta de desempenhar suas tarefas acompanhada, porém não se sente mal quando tem que fazê-las sozinha. Costuma pedir ajuda quando sente necessidade e gosta de ser solidária com o outro.

Verbalizações

- “Eu gosto de ter alguém do lado para fazer as coisas, mas também não acho ruim fazer sozinha. Mas em geral prefiro ter alguém do lado.”
- “Costumo pedir ajuda quando sinto necessidade. (...) Gosto de ser solidária com o outro.”

2. Intolerância com relação aos mais íntimos

- Tem menos paciência com as pessoas mais íntimas.

Verbalizações

- “Me irrita mais facilmente com as pessoas mais íntimas. Quanto mais íntima, mais lascada na minha mão.”

3. Valorização do outro

- Valoriza demais os outros, vendo com mais evidência as qualidades deles do que as suas próprias.

Verbalizações

- “Costumo valorizar demais o outro.”
- “Eu sei que tenho algumas qualidades, mas eu acho que a dos outros saltam mais aos olhos do que as minhas próprias.”

4. Importância da avaliação do outro

- Tem medo de críticas, se sentindo frustrada por saber que falhou em alguma coisa. Dependendo da forma como é criticada, pode se sentir com raiva ou refletir sobre a crítica, podendo até mesmo mudar em algum aspecto. A opinião dos outros a afeta de forma bem intensa.

Verbalizações

- “Tenho medo de críticas. Claro que depende da forma como a gente é criticado. Mas eu fico meio frustrada em saber que eu falhei em alguma coisa, que eu mandei mal. (...) dependendo do caso, pode ser que eu fique com raiva de mim mesma, e pode ser que eu pense no assunto e mude, ou pode ser que, se eu ficar com raiva da pessoa, não mude só de sacanagem.”
- “A opinião dos outros sobre mim afeta até um ponto bem elevado.”

5. Atitude com relação ao sexo oposto

- Antigamente, se estivesse interessada por alguém, ela guardaria isso para ela mesma ou dividiria com pessoas de sua confiança. Sua atitude em relação ao homem que lhe agradava

era de fuga, mesmo se ele estivesse interessado. Atualmente, ela ainda tem um pouco de dificuldade nesse tipo de situação. A única coisa que tentaria era fazer o homem pelo qual se interessou perceber a sua existência e ver se ele também ficaria interessado e, depois, puxaria uma conversa.

Verbalização

- “Antigamente se eu estivesse interessada numa pessoa eu ia apenas compartilhar esse fato com uma ou duas pessoas e ia guardar pra mim, e ainda ia fugir da pessoa, mesmo se ela estivesse interessada por mim. (...) Hoje em dia eu não vou dizer que eu vou chegar na pessoa e falar: oi, estou interessada em você. Não é verdade. (...) Se eu perceber que a pessoa está interessada eu posso dar um molizinho, agora eu não sei como eu agiria se a pessoa não estivesse interessada (...). Eu acho que ia ser muito difícil de eu chegar na pessoa, eu tenho dificuldade, podia ser que de alguma forma eu fizesse a pessoa perceber que eu existo, pelo menos para ver se ela se interessa. Eu podia puxar um assunto qualquer, sei lá.”

6. Envolvimento cauteloso com o outro

- No início de um novo relacionamento já vai compartilhando aos pouquinhos a sua intimidade com o outro, e à medida que ganha mais confiança ela vai dividindo ainda mais a sua vida.

Verbalização

- “Eu vou soltando aos pouquinhos, desde o começo eu já vou soltando aos pouquinhos a minha intimidade, aí, à medida que eu vou me sentindo mais confiante, que eu vou sentindo, não sei, talvez que a pessoa esteja aceitando também, daí eu vou soltando mais.”

7. Atitudes em relação ao abandono e decepção num relacionamento

- Procura corresponder às expectativas do outro sem esperar nada em troca. Mesmo que este a decepcione, ela insiste na relação e, se necessário, até se humilha para tentar fazer com que as

coisas dêem certo. Porém, se for abandonada, se desliga e se afasta da pessoa mesmo se ainda sentir algo por ela.

Verbalizações

- “Eu procuro corresponder às expectativas do outro sem esperar nada em troca. (...) Se eu for abandonada, eu deixo a pessoa pra lá e finjo que não preciso dela, mesmo gostando. Agora, se eu for decepcionada, eu insisto na relação, me humilho.”

8. Experiência de estar sozinha

- Fica tranqüila quando está sem um relacionamento com o sexo oposto e acha que sempre pode ter a companhia de alguém, não necessariamente de um namorado, mas de pessoas que a amem.

Verbalizações

- “(...) eu fico tranqüila em estar sem um relacionamento com o sexo oposto.”
- “Acho que eu posso sempre ter a companhia de alguém sim, não sei se valoriza não, mais me ama pelo menos. Não, sei lá, você tem sempre alguém que valoriza, né ?”

9. Dependência em relação aos outros

- É emocionalmente dependente dos outros. Conduz sua vida em função das pessoas que gosta e tem medo de perdê-las. Caso não se sinta aceita pelas pessoas, principalmente pelas pessoas que gosta, fica se sentindo mal. Gosta de passar a imagem de desprotegida para os outros, para que possa, assim, ser cuidada por eles.

Verbalizações

- “Eu me considero uma pessoa emocionalmente dependente dos outros. Eu acho que se eu não me sentir bem aceita pelas pessoas, pelo menos pelas pessoas que eu gosto, que são importantes para mim, eu fico mal. (...) talvez por isso eu conduza a minha vida, pensando na vida dessas pessoas, para que não haja uma ruptura, para que eu não perca essas pessoas.”
- “Eu acho que essa coisa de eu passar essa imagem de desprotegida tem vantagens, porque aí eu tenho algumas pessoas cuidando de mim, e eu gosto.”

10. Passividade em relação aos outros e às circunstâncias

- Procura agüentar calada em situações nas quais se sente injustiçada, por acreditar que depende do outro, ou por achar que não vai ser compreendida, ou por medo. Prefere concordar com a opinião dos outros para não entrar em conflito com eles. Além disso, aceita a vida como ela é, se apega unicamente à parte boa da situação, não tenta modificá-la, por medo da situação ficar pior depois de alguma mudança.

Verbalizações

- “Geralmente eu procura agüentar calada, sem reclamar, quando me sinto injustiçada, prejudicada ou frustrada pelos outros. Porque às vezes eu preciso de alguma coisa, então eu fico calada pra não enfrentar e correr o risco de perder, ou às vezes é porque eu já falei, já falei, já falei e não resolveu, ou às vezes é porque, sei lá, eu tenho medo.”
- “Eu aceito opiniões mas não necessariamente eu concordo com os outros. Mas em geral eu concordo. Às vezes para não entrar em conflito, às vezes eu concordo, às vezes eu finjo que concordo, às vezes eu não concordo.”
- “Eu costumo aceitar a vida como ela é, sem tentar modificá-la. (...) É o seguinte, porque pode ser que eu esteja numa condição que em algum aspecto não esteja me fazendo bem, mas é muito difícil eu estar numa condição que esteja fazendo totalmente mal, sempre tem algum bem, né ? Eu acho que geralmente eu me apego à parte boa da coisa, e é difícil desligar por causa da parte ruim. Eu acho que eu tenho medo de modificar a situação, e ficar pior (...).”

SUJEITO 2

Categoria 1: Vivência do processo de separação dos pais

Definição: Esta categoria se refere à forma como a pessoa vivenciou e vivencia hoje a separação de seus pais e que tipos de consequências este fato teve em sua vida.

SÍNTESES DOS TEMAS ABORDADOS NESTA CATEGORIA RELACIONADOS ÀS VERBALIZAÇÕES

1. Experiência antes da separação

- Sempre quis que os seus pais se separassem, ela tinha um relacionamento conflituoso com o seu pai.

Verbalizações

- “(...) eu sempre quis que eles se separassem (...).”
- “(...) meu pai bebia, ficava até tarde com o som ligado, (...) incomodava, né ?”
- “Aí eu pressionei a minha mãe para tomar uma decisão.”
- “Para mim antes da separação era muito complicado, (...) principalmente todos os rolos que eu tinha com o meu pai e a minha mãe (...).”
- “(...) tudo o que acontecia o meu pai vinha me bater, ou, tudo ele vinha brigar comigo, até que ele começou a querer dar na minha cara, (...) então estava horrível antes da separação isso (...).”
- “(...) tudo o que eles brigavam sobrava pra mim.”

2. Experiência durante a separação

- Para ela a separação foi um momento de muitos conflitos na família.

Verbalizações

- “Eu tinha dezoito anos quando eles se separaram. Foi no meio de uma confusão, briga com a família inteira (...).”
- “Foi horrível ficar debaixo do mesmo teto com eles brigando (...).”
- “Meu pai e a minha mãe não estavam se falando (...).”
- “Fiquei sem falar com o meu pai uns quatro meses (...).”

3. Experiência depois da separação

- Houve várias mudanças até que ela, sua mãe e irmão pudessem se estabilizar em um lugar. Ela sentia falta de seu pai, e teve dificuldades para se adaptar à nova vida.

Verbalizações

- “A gente passou seis meses morando ainda juntos, (...) depois que a gente saiu e foi para outra casa.”
- “Foi assim, seis meses morando lá na mesma casa, depois mais seis meses morando na casa da minha avó, até reformar o apartamento pra gente poder ir pra lá.”
- “Moravam meu avô, eu, meu irmão e minha mãe na casa dos meus avós. (...) eu e a minha mãe estávamos morando num quatinho, eu estava morando dentro de um saco de lixo, eu guardei todas as minhas coisas lá dentro.”
- “Depois de me mudar lá pra minha atual casa, até eu me adaptar (...), eu ainda sentia muita falta do meu pai, chegava em casa e eu não encontrava ele.”
- “Até eu me adaptar, hoje eu vejo que levou mais um ano para que eu pudesse me adaptar na minha nova casa.”
- “Eu sempre quis que eles se separassem, mas no dia que eles se separaram, eu falei: e agora?”

4. Relacionamento com o pai

- Procura evitar o contato com o pai para que não ocorram brigas entre eles. Seu contato com o pai diminuiu muito após a separação. Passou a ter uma maior preocupação com o pai após a separação.

Verbalizações

- “Antes eu brigava com o meu pai e a gente ficava sem se falar, mas continuava junto na mesma casa, mas depois eu ficava com receio de brigar com ele, porque eu não o via todo dia, (...) sei lá, podia acontecer alguma coisa, sei lá, vai que ele bebe... Aí eu não falava mais com ele, no início eu ficava meio chateada com isso, procurava não brigar mais tanto com ele.”
- “Muito raro eu ligar para o meu pai, também muito raro os meus encontros com ele lá em casa.”

5. Sentimento de culpa em relação à separação

- Se sentiu culpada pela separação de seus pais. Ela se sentiu assim durante um bom tempo e só depois que trabalhou em terapia este problema, que passou a achar que não tinha culpa. Porém, percebe-se ainda hoje um remorso grande por ainda achar que poderia ter evitado a separação.

Verbalizações

- “Eu acho que fui eu que causei a separação, (...) passei um bom tempo ainda com isso, trabalhei na terapia que eu era culpada pela separação.”
- “Eu descobri que estava me sentindo culpada quando eu estava fazendo uma oficina prática de Ludoterapia, porque até então eu não tinha tomado consciência.”
- “(...) meus pais realmente me deixaram sentir culpada.”
- “Aí até hoje eu fico assim, se eu não tivesse de repente forçado essa separação (...)”

- “(...) fui trabalhando na terapia esse sentimento de culpa, foi a única coisa que eu fiz para resolver.”

6. Significação da separação atualmente

- Acredita que a separação foi a melhor opção para ela. No entanto, acha que não foi a melhor solução para os seus pais, principalmente para o seu pai. Acha que a sua mãe poderia estar ajudando o seu pai em relação ao vício que ele tem por bebida. Por esse motivo preferia estar ainda hoje nos conflitos do casamento dos seus pais para poder tentar ajudar seu pai, contradizendo a sua posição de achar melhor a separação.

Verbalizações

- “(...) hoje em dia sinceramente pra mim é melhor, porque eu moro com a minha mãe, me dou muito melhor com a minha mãe do que com o meu pai, né ?”
- “Hoje a separação para mim é tranqüilo, mas às vezes eu fico pensando, (...) eu acho o meu pai muito fraco, quando ele bebe, quando ele fica se sentindo sozinho, reclama de solidão, aí eu fico pensando, talvez se a gente tivesse tido mais paciência para cuidar dele um pouco mais.”
- “(...) se a gente ainda estivesse morando lá, não sei, talvez não estivesse tão ruim para ele. Para a gente estaria horrível, mas para ele talvez não estivesse tão ruim, talvez ele não estivesse bebendo tanto como ele tá bebendo agora, não estivesse se sentindo sozinho, sofrendo de insônia (...)”
- “Eu indiretamente preferia estar nesses conflitos hoje para estar ajudando o meu pai, porque eu acho que a minha mãe poderia estar ajudando ele morando junto (...)”
- “(...) tá muito bom do jeito que tá, se eu for pensar agora, realmente eu não queria voltar atrás, não queria ele morando lá. Mas eu fico pensando, minha mãe é a pessoa que pode ajudar meu pai, mas por exemplo, se ele voltasse lá pra casa hoje, e eu saísse, aí estava perfeito.”
- “Eu acho que a minha mãe ainda gosta dele. Ele vive esperando o dia que a minha mãe vai voltar para ele.”

- “Hoje ali um ajuda o outro, meu irmão também, os três convivem numa boa, o problema eu acho que sou eu que não me dou bem com ele, e não ia dar certo, podia até piorar.”

7. Expectativas em relação ao próprio relacionamento conjugal

- Passou um tempo acreditando que casamento era uma coisa ruim. Mudou de idéia a pouco tempo atrás. Hoje pensa em se casar, mas quer superar em seu casamento todos os problemas que viu no casamento dos seus pais e os que vê no casamento dos seus tios. Ela acha que casamento representa a construção de uma família unida que se ajuda e se completa, concordando em todos os momentos.

Verbalizações

- “Até pouco tempo atrás eu não queria nem saber de me casar, eu achava que era a pior coisa do mundo (...).”
- “(...) agora eu estou morrendo de vontade de me casar, eu quero ter uma família, eu quero ter filho logo, eu quero tentar ter uma família tranqüila, sem aquelas confusões para criar filho, o pai fala uma coisa, a mãe diz outra, sem muito conflito.”
- “Eu quero superar todos os problemas que eu vi no casamento dos meus pais. Tanto os que eu vejo nos meus pais, quanto o que eu vejo nos meus tios, que não se separaram, mas estão na mesma porcaria.”
- “Deixei durante um tempo de acreditar em casamento, mas não tem seis meses que eu mudei de idéia.”
- “Sempre quando fala em casamento, eu penso em construir uma família.”
- “(...) eu penso assim, vamos supor, eu e o meu marido, os dois juntos para criar os filhos ali, mas concordando, tanto na hora de botar limite, quanto na hora de repente de ir para uma festa, mas tudo assim, concordando, o casal ali unido, cúmplice.”

8. Crescimento pessoal após a separação

- Acha que amadureceu com a experiência da separação, passou a ser mais independente.

Verbalização

- “Eu acho que eu amadureci sim, realmente agora eu tenho que me virar sozinha para resolver meus problemas, porque antes eu acho que de alguma forma eu até me beneficiava disso, eu brigava com um, aí tinha o outro para ajudar (...).”

9. Comportamento de fuga dos problemas ocasionados pela separação

- A forma que ela encontrou de ficar longe do ambiente da separação e dos conflitos ocasionados por esta decisão foi sair com amigos, ficando o tempo que pudesse for a de casa, e beber.

Verbalizações

- “Eu estava saindo muito nessa época, foi a época que eu estava saindo mais com os meus amigos, eu estava bebendo muito(...).”
- “Foi a época que eu mais bebi, quando eles se separaram e a gente continuou morando junto, mesmo depois que eu, minha mãe e meu irmão se mudou também, eu saía muito, todos os dias, chegava em casa seis horas da manhã, mesmo tendo aula, chegava esse horário e bebia pra caramba.”
- “(...) eu não suportava ficar em casa nessa época.”

b) Categoria 2: Auto-Imagem

Definição: Esta categoria se refere à descrição que a pessoa faz de si mesma e à forma como percebe a sua própria maneira de ser, sugerindo aspectos de sua auto-imagem.

SÍNTESES DOS TEMAS ABORDADOS NESTA CATEGORIA RELACIONADOS ÀS VERBALIZAÇÕES

1. Perfeccionismo

- É perfeccionista no desempenho de suas tarefas, se sentindo muito mal quando não consegue fazer bem alguma delas. Por esse motivo prefere fazer suas tarefas sozinha.

Verbalizações

- “Eu me considero uma pessoa muito perfeccionista no desempenho de minhas tarefas. Tudo meu tem que ser certinho, eu não gosto de me atrasar, sabe, se eu for fazer eu tenho que fazer bem feito, se for para fazer mal feito, eu prefiro não fazer.”
- “Quando eu não consigo desempenhar bem uma tarefa eu me sinto um lixo. Eu tenho até vergonha de ter que entregar um trabalho mal feito, por exemplo, às vezes se é pra eu chegar atrasada, eu prefiro não ir.”
- “Prefiro fazer as minhas tarefas sozinha, eu acho que é muito melhor fazer sozinha do que em grupo.”

2. Atitude frente a pessoas estranhas e situações novas

- No início não se sente muito à vontade, mas com o tempo vai se soltando.

Verbalização

- “Eu não me sinto muito à vontade não, quando estou no meio de pessoas ou ambientes estranhos a mim, a princípio eu fico mais na minha (...) Depois, eu acho que com o passar do tempo eu vou me soltando. Normalmente é assim.”

3. Impulsividade

- Não consegue controlar seus impulsos de raiva, por mais que tente. Se sente ridícula por isso. Porém, gosta de ser discreta.

Verbalizações

- “(...) impulso de raiva eu não consigo controlar muito não (...) eu acho que eu sou muito transparente, quando eu estou com raiva, as pessoas percebem, eu começo a soltar, e quando eu vejo, eu tô soltando pra todo mundo já.”
- “Eu me sinto ridícula quando não consigo controlar meus impulsos, porque às vezes eu estou com muita raiva, eu estou com vontade de chegar e falar alguma coisa pra alguém, chegar pra pessoa que eu estou com raiva e falar, aí eu tento controlar, não consigo, saiu, depois eu penso, o que eu falo, que ridículo. Eu fico achando que fiz papel de ridícula, acho que às vezes era melhor eu ter ficado calada.”
- “Esse negócio de ser discreta, eu acho que é mais assim, não chamar muito a atenção, eu tento, não gosto muito da atenção voltada pra mim não.”

4. Extroversão/introversão e contato consigo mesma

- Antes gostava de ter um tempo para ela mesma, hoje evita ficar sozinha. Se sente num meio termo, um pouco voltada para dentro e um pouco voltada para fora de si mesma.

Verbalizações

- “Tem muito tempo que eu não tenho tempo para mim, que eu não fico sozinha. Mas eu acho que eu gostava quando eu tinha. Eu gostava sim. Eu não tenho tempo nem pra pensar em ter tempo, e o tempo que eu tenho, eu quero ficar com o meu namorado. Eu evito um pouco ficar sozinha.”
- “Agora eu acho que eu estou no meio termo entre me voltar para dentro ou para fora de mim mesma. Antigamente eu era muito pra dentro, agora eu estou no meio, não sei te dizer.”

5. Auto-estima

- Sua auto-estima é boa, apesar de ter se dado uma nota seis. Conseguiu pontuar tanto suas qualidades como seus defeitos de forma homogênea. Acredita ser uma pessoa carinhosa, que

não guarda mágoas, e dedicada. Porém se acha perfeccionista em excesso. Colocou que também é impulsiva e responsável, o que acredita ter tanto pontos positivos quanto negativos.

Verbalização

- “Eu me vejo uma pessoa carinhosa, mas ao mesmo tempo eu sou explosiva. Eu não sou muito de guardar mágoa, porque assim, eu estou com raiva, estou chateada com alguma coisa, eu já dou um jeito de colocar logo pra fora. Então assim, eu estou chateada, eu não agüento ficar muito tempo com aquilo ali, vou logo e trato de ou estourar pra descontar em cima da pessoa, ou chegar pra pessoa e falar. Isso é e não é uma qualidade. É uma qualidade porque pelo menos eu vou esvaziando, e não vou somatizando aquilo. Mas por outro lado é ruim, porque bom, fala o que quer, ouve o que não quer. Eu sou perfeccionista, isso é um aspecto negativo, não precisava também ser tanto assim. Uma coisa que eu acho legal e que eu tenho muita é responsabilidade, se eu pegar alguma coisa pra fazer, às vezes eu até assumo responsabilidade que não é minha, aí o aspecto negativo. (...) Dedicada, as coisas que eu pego, tudo eu me dedico. Acho que eu daria seis à minha auto-estima. Porque, por exemplo, já é muito melhor do que já foi um dia... já está acima da metade, mas ainda tem muita coisa pra melhorar.”

6. Auto-Análise

- Pensa muito a respeito de seus sentimentos e comportamentos procurando entendê-los para poder tomar alguma atitude. Mas, não costuma remoer o passado, nem ficar planejando o futuro.

Verbalização

- “Às vezes eu fico analisando realmente, situações, comportamentos, esse tipo de coisas assim. Às vezes o que eu estou sentindo, pra tentar entender aquilo ali, de onde que vem, enfim... mas eu não fico muito remoendo o passado assim não, nem planejando o futuro, é mais o aqui e agora mesmo. Eu fico tentando pensar o que é, porque eu estou sentindo, o que eu posso fazer com isso.”

7. Reconhecimento de seus erros

- Não tem problemas para assumir seus erros. Acredita que na maioria das vezes a responsabilidade pelos erros é sua, pois acha que tudo o que acontece em sua vida é ela quem escolhe.

Verbalizações

- “(...) na maioria das vezes eu acho que a responsabilidade é minha, que tudo acontece porque de repente eu escolhi aquilo. Porque na maioria das vezes eu acho que eu é que escolho determinadas situações, e aí se eu estou passando por aquilo, foi porque eu escolhi.”
- “Eu não tenho dificuldade para reconhecer meus erros, isso é tranquilo.”

8. Dificuldade e ponderação nas decisões e atitudes

- É muito indecisa. Sempre se sente em dúvida quando tem que tomar alguma decisão, pesando as conseqüências de suas atitudes antes de fazê-las.

Verbalização

- “Eu sempre costumo ficar em dúvida quando tenho que tomar qualquer tipo de decisão. Eu sou muito indecisa. Eu costumo sempre avaliar as conseqüências das minhas atitudes. Antes de tomar qualquer decisão, eu penso no que aquilo pode me afetar, qual a conseqüência que aquilo pode ter.”

9. Espontaneidade

- Não se bloqueia para não se expor demais aos outros. É uma pessoa transparente que não sente necessidade de se esconder das pessoas. Porém, não gosta de mostrar aos outros suas fraquezas para não se sentir vulnerável a eles.

Verbalizações

- “Eu não bloqueio a minha espontaneidade para não me expor demais aos outros, isso eu não consigo. Eu tento não me expor, mas aí, quando eu vou me expor, eu acabo mostrando logo, sendo bem espontânea mesmo, e transparente, para todo mundo ver do jeito que eu sou mesmo.”
- “Em geral eu tenho dificuldade de mostrar aos outros minhas carências, fraquezas e necessidades para não me sentir vulnerável ou inferior a eles.”

10. Inconformismo e não-acomodação

- Quando se sente injustiçada sempre reclama e dá um jeito de falar. Apesar de aceitar a opinião dos outros, nem sempre concorda. Não é muito de aceitar qualquer situação, sempre acha que pode mudar.

Verbalizações

- “Quando eu me sinto injustiçada, na hora eu tenho que dar um jeito de falar, não fico sem reclamar.”
- “Eu aceito opinião dos outros, uma coisa que eu gosto, às vezes, é pegar e contar uma situação para várias pessoas e ver o que cada um acha, mas nem sempre eu concordo. É mais para ter mais pontos de vista.”
- “As coisas que não tem jeito eu acho que a gente tem que aceitar mesmo, agora eu não sou muito de aceitar qualquer coisa não, eu acho que sempre dá dá pra gente mudar enfim, se eu quero alguma coisa vou correr atrás, por mais que seja difícil da gente tentar.”

c) Categoria 3: Relação com o outro

Definição: Esta categoria se refere à percepção que a pessoa tem do “outro” e de sua relação com ele.

SÍNTESES DOS TEMAS ABORDADOS NESTA CATEGORIA RELACIONADOS ÀS VERBALIZAÇÕES

1. A relação com o outro no desempenho de tarefas

- Pede ajuda quando sente necessidade e gosta de ser solidária com os outros.

Verbalizações

- “Eu peço ajuda quando sinto necessidade.”
- “Gosto de ser solidária com o outro, bastante, tudo o que eu puder fazer para estar ajudando os outros, eu gosto bastante.”

2. Intolerância com relação aos mais íntimos

- Se irrita mais facilmente com as pessoas mais íntimas.

Verbalização

- “Com certeza eu costumo me irritar mais facilmente com as pessoas mais íntimas.”

3. Valorização do outro

- Acha mais fácil reconhecer as qualidades dos outros do que as suas próprias. Costuma valorizar demais o outro.

Verbalizações

- “Eu reconheço as minhas qualidades, mas eu acho mais fácil reconhecer isso nos outros.”
- “Com certeza eu costumo valorizar demais o outro.”

4. Importância da avaliação do outro

- Não tem muito medo de críticas, costuma reagir bem à elas e se concordar com alguma, vai até tentar melhorar naquele aspecto. A opinião dos outros não a afeta muito, pois tem consciência das suas qualidades e defeitos e se aceita bem.

Verbalizações

- “Tenho um pouquinho de medo de críticas, não muito. Se for alguma coisa que eu concordar... eu vou tentar melhorar isso (...). Em geral, eu acho que eu costumo reagir bem às críticas das pessoas.”
- “(...) qualquer coisinha que as pessoas falavam antes, eu acreditava, e assim mesmo, eu me achava o cocô do cavalo mesmo. Mas agora, eu tenho mais consciência, assim dos meus defeitos e minhas qualidades, as coisas todas, assim, de quem eu sou. Então, por exemplo, quando vem alguma crítica, alguma coisa que alguém fala, aí eu consigo, mais ou menos, ponderar, saber até onde aquilo ali é verdade ou que não é, se aquilo é meu ou se não é.”
- “(...) já tenho consciência de como eu ajo, como eu sou, então eu penso, eu só sei agir assim, é assim que eu sou, e se a pessoa não gostar, paciência.”

5. Atitude em relação ao sexo oposto

- Quando está interessada por um homem, deixa ele perceber o seu interesse de forma sutil, e cria um clima para que ele possa se aproximar.

Verbalização

- “Normalmente, quando eu me interesso, eu acho que eu deixo a pessoa perceber que eu gostei, dou alguns indícios de que eu estou interessada, mas aí eu crio um clima pra pessoa chegar.”

6. Envolvimento cauteloso com o outro

- Não divide a sua intimidade no início de um relacionamento, deixando para fazer isso com um tempo, quando se sente mais segura.

Verbalização

- “Eu espero um tempo. No início eu sou mais fechada, e depois de um tempo, quando eu sinto segurança é que eu me abro.”

7. Necessidade de satisfação na relação com o outro e sentimento de decepção

- Não procura satisfazer as expectativas do outro, mas sempre espera que este corresponda às suas. Porém, quando se decepciona, sua reação mais comum é desprezar o outro, se afastando e dando a impressão de que não precisa mais dele.

Verbalizações

- “Eu não procuro muito satisfazer as expectativas do outro não, mas eu estou sempre esperando que o outro faça por mim.”
- “Quando eu me decepciono num relacionamento, minha reação mais comum é desprezar e desvalorizar o outro, me afastando e dando a impressão de que não preciso mais dele. “Sei lá, não quer e não quer, pronto, que é que eu vou fazer...”

8. Experiência de estar sozinha

- Apesar de nunca ter ficado muito tempo sozinha, não é um momento difícil para ela, a qual aproveita bastante o estar sozinha. Acredita que sempre tem com quem contar. O período em que mais se sentiu sozinha foi quando seus pais se separaram, e, por isso, procurava sair bastante para encontrar os outros.

Verbalizações

- “Eu fiquei tão pouco tempo sozinha... assim, quando eu fiquei sozinha, eu aproveitei para fazer as minhas coisas, eu tive um tempo pra mim, então eu ia sair com as minhas amigas, eu ia estudar, enfim, eu ia fazer as minhas coisas, que de repente não dá tanto tempo quando você está com outra pessoa. Não era um momento difícil, eu acho que eu aproveitei bem o ficar sozinha.”
- “Eu já me senti assim... eu me sentia sozinha e precisava dos outros e não tinha. Agora não, eu não me sinto mais sozinha, mas eu sei que, por exemplo, se eu me sentir, eu tenho com quem contar. Eu acho que o período que eu mais me senti sozinha foi nessa época da separação... eu acho que é por isso que eu ficava saindo tanto, procurando os outros.”

9. Dependência em relação ao outro

- É dependente em relação às pessoas.

Verbalização

- “Eu acho que na maioria das vezes eu preciso mesmo do outro, qualquer que seja esse outro.”

4. DISCUSSÃO

Ao longo da análise de conteúdo pôde ser observado que haviam algumas contradições nas verbalizações de cada sujeito. Isto, muitas vezes, pode ocorrer devido aos conceitos que os entrevistados têm a respeito de certos temas, os quais podem entrar em desacordo com os do entrevistador. Além disso, cabe ressaltar que os sujeitos não eram clientes da pesquisadora, impossibilitando um maior conhecimento de suas vidas por ela, e dificultando, assim, a afirmação de certos dados referentes aos seus traços de personalidade. Dessa forma, neste trabalho encontrar-se-ão sugestões a respeito da personalidade dos sujeitos, a partir do contato que a entrevistadora teve com eles, e de todo o conhecimento teórico e sensibilidade da mesma. Notou-se que para que se pudesse obter uma pesquisa mais rica em detalhes seria necessário um maior número de perguntas ou até mesmo um maior tempo de investigação junto aos sujeitos, pois, assim, poderia-se realmente alcançar de forma mais aprofundada a singularidade de cada um deles.

A partir dos resultados, observou-se que haviam vários aspectos em comum e outros que se diferenciavam em relação à vivência da separação dos pais pelos sujeitos. Isso pode ser explicado pela forma como ocorreu a separação em cada família e pelas semelhanças e diferenças em relação à personalidade dos mesmos.

A experiência da separação conjugal de seus pais foi dolorosa e conflituosa para os sujeitos, trazendo algumas conseqüências em suas vidas, das quais sobressaíram-se as negativas. Entre estas viu-se, principalmente: sentimento de culpa, conflitos entre os ex-cônjuges, distanciamento de alguns familiares, mudança no aspecto material e expectativas ruins em relação ao próprio relacionamento conjugal.

O sujeito 1 já tinha presenciado alguns momentos de conflitos entre seus pais antes da separação. Esta não foi compartilhada com ela, a qual só tomou conhecimento quando tudo já estava decidido. Não houve explicações a esse respeito, mas sua mãe ainda tentou tranquilizá-la dizendo que apesar da separação, seus pais iriam continuar amigos, seu pai continuaria freqüentando a sua casa e indo visitá-la.

O sujeito 2 tinha uma vida muito conflituosa com o seu pai e sempre desejou que ele e sua mãe se separassem. Ela pressionou a sua mãe para que tomasse uma decisão. O momento em que ocorreu a separação foi muito turbulento, envolvendo brigas com a família inteira. Como nada foi conversado com o sujeito, e como sua “pressão” havia dado certo, ela se sente culpada até hoje por esse rompimento.

Nos dois casos percebe-se que a forma como foi decidida a separação não tornou-se clara para nenhum dos dois sujeitos, os quais por mais que percebessem que não havia outra opção, não tiveram oportunidade de expressar seus sentimentos e nem de questionar nada a respeito do porquê dos fatos. Para o sujeito 1, foram feitas promessas que acabaram por não se cumprir, gerando sofrimento, incredibilidade em relação aos pais, tristeza e raiva. Para o sujeito 2, veio o sentimento de culpa, por achar que se não tivesse pressionado a mãe, ela e seu pai estariam juntos até hoje, como se o sujeito pudesse de alguma forma ter evitado essa separação.

Esta falta de comunicação dos pais com os filhos durante o processo de separação foi evidenciada nos estudos de Wallerstein e Kelly (1980) e Wadsby e Svedin (1994, apud Souza, 2000). Além disso, no trabalho de Giusti (1984/1987) foi falado que a forma como os pais comunicam o divórcio aos filhos pode impedir uma série de conseqüências negativas na vida dos mesmos.

A experiência após a separação para o sujeito 1 não foi tão ruim no começo, pois ele se aproximou mais de seu pai, e tinha bons momentos em família quando todos saíam juntos sem haver nenhuma briga. Porém, algum tempo depois, esta situação mudou, seu pai arrumou uma namorada e os conflitos entre ele e sua mãe se intensificaram. Seu irmão acabou indo morar com seu pai e, além disso, o sujeito passou a ser objeto de manipulação dos pais. Assim, toda a tranquilidade do início chegava ao fim.

No estudo de Tiba (1995) é falado a respeito destas manipulações, as quais são comuns ao casal que se separa e passa a evidenciar apenas os defeitos um do outro, tentando de todas as formas se atingir. Mais uma vez, percebe-se uma verdadeira falta de comunicação, agora pelo pai

do sujeito 1, o qual impôs uma namorada aos filhos e ex-mulher, sem antes prepará-los para isso. A partir daí, o sujeito 1 passou a ter um sentimento de menos-valia, sentindo-se menos amada pelo pai.

Para o sujeito 2, a experiência pós-separação, imediata, foi muito complicada, pois teve que passar por algumas mudanças até que pudesse se estabelecer no lugar onde mora atualmente. Teve dificuldade em se adaptar à nova realidade, apresentando comportamentos de fuga dos problemas (saía todos os dias com os amigos, evitando ficar em casa a todo custo). Sentiu falta do pai e procurava evitar as constantes brigas, pois sentia-se chateada e receosa quando isso acontecia por não morar mais com ele. Tinha medo de que seu pai viesse a beber em excesso. Aqui, assim como nas pesquisas de Ribeiro (1989) e Fry (1983), observa-se uma grande preocupação da filha com o pai, principalmente em relação às questões pessoais dele como solidão e alcoolismo. No trabalho de Ribeiro, *op.cit*, também encontra-se como consequência negativa da separação mudanças na estrutura de vida, como a troca de moradia.

Em seu estudo, Teyber (1992/1995) fala dos efeitos do divórcio sobre os filhos, dividindo-os em reações a curto e longo prazos. As reações a curto prazo nos filhos, mais observadas pelos pais são: raiva, medo, depressão e culpa. Existem alguns temas implicados nas reações a longo prazo, como: alguns filhos continuam zangados ou rejeitando o genitor que partiu; alguns sentem tristeza e saudade desse genitor; outros se apegam a lembranças irrealistas e idealizadas da família intata; alguns se julgam carentes e acham que foram privados da infância; outros consideram-se mais fortes e mais independentes em consequência do divórcio; muitos filhos adultos de divorciados têm preocupações intensificadas com questões de confiança, lealdade e segurança nos relacionamentos; e relatam mais solidão como adultos e mais conflitos conjugais do que os filhos de famílias intatas.

No sujeito 1 vemos de forma mais intensa consequências a longo prazo. Isso porque sua experiência logo após a separação foi positiva, já que tinha mais convívio com o seu pai, se sentia tranqüila em relação ao futuro e sua família estava mais harmoniosa. Os problemas começaram depois, quando se distanciou do pai e do irmão, passou a ser manipulada pelos pais, e passou a se sentir menos amada pelo pai, entre outros. Apesar de não conseguir mais imaginar sua vida se seus pais estivessem juntos, e de racionalmente acreditar que a separação foi a melhor solução para eles, ainda gostaria de morar com os dois pais juntos. Além disso, no caso 1 o sujeito ainda

tem muito medo de se casar e acredita que é mais provável que seu casamento seja como o dos seus pais.

No sujeito 2, predominam as reações a curto prazo. Para ela, logo após a separação, a situação foi de muito desconforto, ainda tinha problemas com o seu pai, fugia de tudo para não sofrer. Hoje em dia, o sujeito 2 tem um quadro de vida mais estável, apesar de ainda estar preocupada com os problemas que seu pai enfrenta. Já se sentiu desacreditada de tudo (namoro, casamento), mas hoje em dia, apesar de ter um pouco de medo, já pensa em se casar e acha que tem como dar certo. Ela parece ser mais bem resolvida atualmente em relação à separação, já que diz ter sido a melhor opção para ela.

Os sujeitos 1 e 2 relatam que preferiam que seus pais ainda estivessem juntos, mas por motivos diferentes. O sujeito 1 relata que gostaria que seus pais ainda estivessem juntos para poder ter todos da família unidos novamente. O sujeito 2 acredita que se seus pais estivessem juntos, sua mãe poderia ajudar o seu pai a se recuperar dos problemas (bebida, solidão). Mas, o sujeito 2 não gostaria mais de morar com seu pai.

De acordo com Wallerstein e Kelly (1996/1998), depois que as crianças amadureciam elas geralmente adquiriam uma perspectiva diferente da que tinham durante o processo do divórcio, considerando-o como uma solução necessária ou mesmo adequada a um casamento tomado por conflitos. Além disso as autoras dizem que nem o casamento infeliz nem o divórcio são especialmente recompensadores para os filhos. Isso explica a contradição em relação à significação que os sujeitos 1 e 2 dão para a separação de seus pais.

Wagner e cols. (1997) encontraram em sua pesquisa que apesar da mudança de valores sociais, os adolescentes não deixavam de ter a idealização romântica com respeito ao relacionamento conjugal. Este fato não pôde ser visualizado neste trabalho, pois os dois sujeitos perderam um pouco da credibilidade em relacionamentos como namoro e casamento, seja logo após a separação (no caso do sujeito 2), ou até os dias de hoje (no caso do sujeito 1). Os dois sujeitos têm medo que seus relacionamentos não dêem certo, apesar de quererem se casar. Nos dois casos notou-se uma grande determinação e vontade por parte dos sujeitos de não repetirem a experiência que tiveram dentro de casa, no sentido de corrigir todos os erros encontrados no casamento de seus pais, nos seus próprios casamentos.

Neste estudo portanto, pôde-se chegar à mesma conclusão que as demais pesquisas já citadas, a que os filhos nunca saem ilesos da vivência da separação dos pais. Isso apesar de toda a

diferenciação na forma como ocorreu a separação dos pais de cada sujeito. Contudo, viu-se como conseqüências positivas dessa experiência o amadurecimento do sujeito 2 e uma maior liberdade para o sujeito 1.

Em seguida encontra-se uma comparação dos resultados em relação às características de personalidade relatadas pelos sujeitos sobre eles mesmos.

Os dois sujeitos gostam de fazer muito bem feitas suas tarefas, e se sentem mal quando não conseguem realizá-las do modo que gostariam. Eles não se sentem à vontade em situações novas, porém, o sujeito 2, diferentemente do 1, com um tempo vai se entrosando ao ambiente. O sujeito 1 se bloqueia muito em situações como essa, procurando controlar qualquer tipo de impulsividade. Já o sujeito 2, tem dificuldades para controlar impulsos de raiva, mas ainda assim exerce um controle em relação às suas atitudes. O sujeito 2 se contradisse, dessa forma, ao dizer que é impulsivo, pois a sua impulsividade se limita a impulsos de raiva. Um outro ponto de contradição desse sujeito, foi ao falar que é espontâneo, pois ele não gosta de mostrar aos outros suas carências e fraquezas, o que faz com que este bloqueie, de certa forma, sua espontaneidade. Além disso, ele também procura ser uma pessoa discreta.

O sujeito 1 é uma pessoa introvertida, pois volta sua energia mais para dentro de si mesma. O sujeito 2 se encontra num meio termo, hora voltando-se para dentro de si mesma, hora para fora.

O sujeito 1 apresenta uma baixa auto-estima por ver mais defeitos do que qualidades em si mesma. Já a auto-estima do sujeito 2 é boa. Apesar disso, os dois sujeitos vêem mais qualidades nos outros do que neles mesmos.

O sujeito 2 se auto-analisa bastante e não tem dificuldades para assumir seus erros. Ele se sente muito em dúvida para tomar decisões assim como o sujeito 1. Em contraposição, o sujeito 1 tem dificuldade para assumir seus erros, delegando a culpa para as circunstâncias.

Enquanto o sujeito 1 costuma se conformar com a vida e agüentar calada quando se sente injustiçada, o sujeito 2 é inconformado, buscando sempre mudar o que está ruim, e não consegue ficar sem reclamar quando se sente injustiçado.

O sujeito 2 gosta de desempenhar suas tarefas sozinha, ao contrário do sujeito 1, que prefere estar acompanhado de alguém. Os dois sujeitos pedem ajuda quando sentem necessidade e gostam de ser solidários com os outros.

Os dois sujeitos costumam se irritar mais facilmente com as pessoas mais íntimas, e valorizam demais os outros. Enquanto o sujeito 1 se abala com as críticas dos outros, o sujeito 2 consegue reagir bem à elas, pois diz ter consciência de suas qualidades e defeitos. Porém, os dois sujeitos dependem muito dos outros em suas vidas.

Na relação com o sexo oposto, os dois sujeitos costumam dar indícios de que estão interessadas, mas nunca vão atrás. Costumam se envolver de forma cautelosa, só dividindo suas intimidades quando já têm confiança em seus parceiros. Contudo, quando o sujeito 1 se decepciona, ele ainda assim insiste na relação, diferentemente do sujeito 2, que se afasta do parceiro.

Para as duas, a experiência de estar sozinha é tranqüila. Elas sentem que sempre podem ter companhia.

Ao se fazer uma ligação entre as verbalizações dos sujeitos e a teoria sobre os mecanismos de bloqueio de contato, encontrou-se os resultados abaixo.

O sujeito 1 apresenta **introjeção** por agüentar calada quando se sente injustiçada, e preferir aceitar a opinião dos outros para não entrar em conflito com eles, e por medo de perdê-los. Além disso, prefere não modificar situações que a incomodam, é conformada com a vida por acreditar que poderá ser pior se mudar. Acha melhor abrir mão de seus interesses do que ter que brigar por eles e costuma se sentir mal quando não consegue satisfazer as expectativas dos outros. Foi observado também nesse sujeito o mecanismo de **confluência**, já que tem necessidade de fazer o que os outros querem e de corresponder às suas expectativas, e quando não consegue, se sente mal. Não consegue perceber com clareza aquilo que realmente quer, tendo dificuldades para tomar decisões. Procura manter suas relações em perfeita harmonia, evitando qualquer tipo de conflito ou desentendimento. Mesmo se decepcionando num relacionamento, insiste na relação, e se preciso até se humilha para mantê-lo. Observou-se também o **egotismo**, pois apesar de dar muito valor ao outro, o sujeito 1 pensa mais em si mesma. Se preocupa com seu próprio desempenho, procurando fazer tudo da melhor forma possível. Sente que qualquer fracasso pode abalar profundamente sua auto-estima e vaidade. Bloqueia sua espontaneidade, acha indispensável preservar sua privacidade. Planeja tudo com muito cuidado. Vimos a **retroflexão** quando o medo do fracasso a faz desistir de projetos importantes. Pensa e analisa tanto, antes de tomar qualquer decisão, que acaba perdendo a oportunidade de conseguir o que quer. Perde oportunidades de seu interesse porque não consegue tomar decisões rapidamente. Finalmente, a

proflexão aparece quando o sujeito 1 recorre à manipulação para conseguir a proteção dos outros. Costuma dá ao outro aquilo que gostaria de receber. Embora precise muito do outro, não gosta de demonstrar para este suas carências e fraquezas. Procura demonstrar ser o que não é, no sentido de conquistar o outro. Tem uma grande necessidade de que o outro preencha suas carências, já que lhe faltam auto-estima, auto-confiança. Em geral assume papel de vítima ou heroína.

O sujeito 2 apresentou o mecanismo de **projeção**, pois em geral fica com um pé atrás no seu relacionamento com as pessoas e tem uma tendência para desvalorizar e afastar as pessoas que julga ameaçadoras. Encontrou-se, também, nesse sujeito, a **confluência**, pois em geral ela não consegue perceber com clareza o que realmente quer, tendo dificuldades para fazer escolhas e tomar decisões. E mais, em geral, sente-se insegura quando está só, pois evita ficar sozinha. O **egotismo** foi observado nas suas atitudes de procurar pensar e se preocupar mais consigo mesma do que com o outro. Preocupa-se excessivamente com o seu desempenho, procurando fazer tudo da melhor forma possível. Sente que qualquer fracasso pode afetar profundamente sua vaidade. Planeja tudo com muito cuidado, no sentido de prevenir surpresas e frustrações. Geralmente manifesta uma atitude de desprezo pelo mundo com uma predisposição para impor sua vontade em detrimento das demandas do meio. Acha indispensável preservar sua privacidade. Sente-se superior e mais capaz à maioria das pessoas. A **retroflexão** aparece pelo sujeito 2 acreditar que pode fazer muito melhor sozinha aquilo que deveria fazer com a ajuda de outras pessoas e por perder oportunidades de seu interesse por não conseguir tomar decisões rapidamente.

Apesar das diferenças existentes entre os sujeitos no que diz respeito aos mecanismos de bloqueio do contato utilizados, pode-se considerar que os dois têm uma tendência para o fechamento das fronteiras do SELF. Isso pode ser explicado a partir do momento em que eles permanecem numa postura de retraimento, desconfiança e afastamento do mundo exterior a eles.

No sujeito 1 pode ficar mais difícil de visualizar essa tendência por ela apresentar aspectos, como a confluência, a introjeção e a proflexão, que se enquadram numa personalidade mais fixada na abertura do contato. Porém, este sujeito apenas mantém um estado de confluência e processos de introjeção com as pessoas mais íntimas, as quais já fazem parte de seu mundo interno. Então, ela nada mais está fazendo do que voltando sua energia para dentro de si mesma, pois essas pessoas não fazem parte do que está fora, e sim do que é interno ao próprio “eu” do sujeito.

Percebe-se que nenhum dos dois sujeitos têm distúrbios nas suas personalidades, o que pode ser comprovado por eles não se manterem rígidos ou fixados em uma das polaridades do ciclo do contato, demonstrando uma utilização saudável dos mecanismos de bloqueio deste ciclo. Nos dois casos, existiam características dos dois tipos de personalidade (fixada na abertura ou no fechamento do contato). O que fez com que definíssemos suas tendências para fechamento da fronteira do contato foi a forma de utilização dos mecanismos, e não estes em si.

Com a separação de seus pais, o sujeito 1 passou a se concentrar ainda mais no fechamento, deixando de mobilizar energia para fora, se voltando para seu mundo interno. Nessa época tinha vergonha da separação e acabava por se bloquear ainda mais. Já o sujeito 2, passou a ter uma maior tendência para a abertura no contato, apresentando comportamento de fuga do ambiente da separação e aumentando o vínculo com os outros, buscando mobilizar toda a sua energia para fora de si mesmo. Nessa época o sujeito 2 tinha uma grande dependência em relação aos outros.

Atualmente, os dois sujeitos apresentam o mecanismo de dessensibilização em relação aos sentimentos por seus pais. O sujeito 2 evita o contato com o seu pai e com os sentimentos que tem por ele a todo o custo, mas guarda uma verdadeira saudade e preocupação por ele. O sujeito 1 acabou se afastando de seu pai e sofreu durante um bom tempo com isso, mas hoje em dia já cansou de tanto insistir com ele para que se vejam mais, e passou a adotar esse mecanismo, para que não sinta o quanto gosta dele e o quanto sente a sua falta. Hoje em dia esse sujeito apresenta uma atitude de indiferença, como se não fizesse falta encontrar com o pai, da mesma forma como o sujeito 2.

Nos dois casos, vimos que os sujeitos têm uma verdadeira preocupação com o futuro no que diz respeito ao seus próprios relacionamentos conjugais. Justamente por já terem vivenciado um casamento infeliz, com brigas o tempo todo, falta de entendimento em relação à criação dos filhos, falta de cumplicidade, e outros, elas ficam mais apreensivas em relação a esse tipo de atitudes e querem a todo custo ter um casamento perfeito, dentro do humanamente possível. Isso pode se tornar um problema a longo prazo, caso se torne um padrão rígido de comportamento, por exemplo, os sujeitos podem se tornar exigentes em excesso, e acabar boicotando seus casamentos. Eles também costumam considerar mais como problemas em um relacionamento, os que já vivenciaram no casamento dos pais, e deixam de pensar em outros possíveis problemas para um casal. Tudo isso pode limitar a criatividade e espontaneidade dos sujeitos, os quais podem ficar presos ao passado e repetir compulsivamente os mesmos padrões de comportamento

ou de ajustamento empregados anteriormente, na tentativa desesperada de fechar o que ficou em aberto.

CONCLUSÃO

De acordo com todos os dados teóricos e empíricos relacionados neste trabalho, pôde-se constatar que a experiência da separação trouxe muito sofrimento para os dois sujeitos. Com a análise dos dados coletados na entrevista, foi feita uma seleção das principais vivências dos sujeitos relacionadas com a separação de seus pais.

O sujeito 1, antes da separação, havia presenciado muitas brigas e conflitos entre seus pais. Durante o processo da separação, ele ficou fora das decisões, só tomando conhecimento quando tudo já estava resolvido. Além disso, a mãe deste sujeito procurou confortá-lo e prepará-lo em relação ao futuro, o que trouxe uma maior tranquilidade a ele. Logo depois da separação, o sujeito se sentiu muito bem, pois sua família estava finalmente se entendendo e ele tinha encontros freqüentes com o pai. Porém, com o aparecimento de uma namorada na vida de seu pai, sem que houvesse uma conversa prévia para que o sujeito, sua mãe e irmão pudessem se preparar, tudo mudou. Todas as promessas feitas por sua mãe, antes da separação, para confortá-lo - como a que seus pais continuariam sendo amigos, que seu pai iria visitá-lo freqüentemente - acabaram por não se cumprir, o que trouxe grande revolta a esse sujeito. Ele passou a ser objeto de manipulação dos pais, e se distanciou do pai e do irmão. O sujeito 1, também, se sentiu envergonhado com a separação de seus pais, e se fechou mais em relação aos amigos. Atualmente, o sujeito 1 tem medo em relação ao seu próprio relacionamento conjugal, mas apesar disso, quer se casar e tentar corrigir, em seu casamento, os erros cometidos por seus pais. Ele ainda não está bem resolvido em relação à separação, pois gostaria que seus pais ainda estivessem juntos, mesmo com todos os conflitos que existiam. Contudo, acredita que esta experiência lhe trouxe mais liberdade.

O sujeito 2, antes da separação, assim como o sujeito 1, já havia presenciado algumas brigas entre seus pais. Ele tinha um péssimo relacionamento com o pai, e chegou a pressionar sua mãe para que se separasse dele. Durante a separação, este sujeito experienciou conflitos com a família inteira. Depois da mesma ter ocorrido, ele, sua mãe e irmão tiveram que passar por mudanças de casa. Além disso, o sujeito sentiu muita falta de seu pai e teve dificuldades de se adaptar à nova vida. Ele apresentou comportamento de fuga dos problemas nesse período, tentava ficar o máximo de tempo possível longe de casa, saía frequentemente com amigos e bebia muito. Atualmente, o sujeito 2 guarda sentimento de culpa em relação à separação de seus pais. Acredita que a separação foi a melhor solução para ele, mas não acha que tenha sido a melhor opção para seus pais, e, por esse motivo, chega a pensar que seria melhor que eles não tivessem se separado. Além disso, evita o contato com o pai para que não ocorram brigas entre eles. O sujeito tem boas expectativas em relação ao seu casamento, apesar de ter um pouco de medo dele não dar certo, e quer, assim como o sujeito 1, consertar todos os erros que percebeu no relacionamento de seus pais. O sujeito 2 acredita que, com a experiência da separação, acabou amadurecendo enquanto pessoa.

Nos dois sujeitos entrevistados encontramos algumas semelhanças e diferenças quanto à forma como foi feita a separação conjugal dos pais e às consequências que ela trouxe em suas vidas. Notamos que em nenhum dos dois casos houve um esclarecimento em relação ao que de fato estava acontecendo. Observou-se, ainda, uma maior boa vontade da mãe do sujeito 1 em prepará-lo e confortá-lo.

Em relação aos traços de personalidade dos sujeitos, foram evidenciadas, principalmente, as seguintes características:

Sujeito 1:

- bloqueio da espontaneidade;
- dificuldade e ponderação nas decisões e atitudes;
- perfeccionismo;
- auto-cobrança;
- baixa auto-estima;
- intolerância com relação aos mais íntimos;
- valoriza demais os outros;

- dependência em relação aos outros;
- envolvimento cauteloso com o outro;
- quando abandonada, se desliga e se afasta da pessoa mesmo se ainda sentir algo por ela;
- quando se decepciona, insiste na relação e até se humilha, se necessário;
- passividade em relação aos outros e às circunstâncias.

Sujeito 2:

- dificuldade e ponderação nas decisões e atitudes;
- não gosta de demonstrar aos outros suas carências e fraquezas;
- perfeccionismo;
- auto-estima boa;
- intolerância com relação aos mais íntimos;
- valoriza demais os outros;
- dependência em relação aos outros;
- quando se decepciona, sua reação mais comum é desprezar o outro;
- impulsividade com relação a sentimentos de raiva;
- costuma estar sempre se auto-analisando;
- não procura corresponder as expectativas do outro;
- inconformismo e não-acomodação.

Relacionando as experiências vividas por cada sujeito com seus respectivos traços atuais de personalidade, encontramos algumas explicações para suas reações diante a separação de seus pais.

O sujeito 1, atualmente, depende emocionalmente das pessoas mais íntimas. Quando o seu pai começou a namorar, ele teve muito medo de perdê-lo. Com o afastamento de seu pai, neste período, o sujeito se sentiu em dúvida em relação ao sentimento que o pai tinha por ele. Como apresentado em seus traços de personalidade, quando ele se decepciona num relacionamento, ainda assim, costuma correr atrás da pessoa, e foi o que fez em relação ao seu pai. Porém, como não houve retorno, ele se sentiu abandonado, e passou a se afastar do sentimento que tinha pelo pai, recorrendo a um mecanismo de bloqueio do contato, a dessensibilização, para que pudesse, de alguma forma, evitar o sofrimento que esta situação lhe causava.

Como foi visto, o sujeito 1 costuma ser passivo em relação aos outros e às circunstâncias. Em todos os momentos da separação, este sujeito se conformou com o que lhe era imposto, por mais que a situação lhe desagradasse. Ele preferia agir desta forma por achar que qualquer mudança poderia lhe trazer conseqüências ainda piores do que as que já enfrentava. Aqui, também percebe-se sua dificuldade e ponderação nas decisões e atitudes.

A intolerância que o sujeito 1 tem, hoje em dia, em relação aos mais íntimos, pôde ser observada com a raiva que ele sentiu e ainda sente do relacionamento de seu pai com a namorada (atual mulher). Além disso, sua atual auto-estima, que é baixa, pode ser identificada na medida em que este sujeito se sente menos amado pelo pai em comparação com a mulher do mesmo. Aqui aparece o seu sentimento de menos valia.

No que diz respeito ao bloqueio da espontaneidade, observado também em seus traços de personalidade, o sujeito 1 apresenta-o com relação à mulher de seu pai, por considerá-la uma pessoa estranha ao seu convívio, na qual não pode confiar, preferindo se portar de forma cautelosa com ela.

O sujeito 2, atualmente, tem intolerância com relação aos mais íntimos e apresenta impulsividade a sentimentos de raiva. Essas características pessoais foram observadas durante a impaciência que esse sujeito demonstrou pela situação em que seus pais se encontravam antes da separação, seguida de sua explosão de sentimento de raiva exigindo que sua mãe definitivamente se separasse de seu pai. Neste momento, podemos perceber, também, o seu traço de personalidade egocêntrico, onde impõe suas vontades em detrimento das vontades dos outros, e o seu inconformismo e não-acomodação a situações que não lhe fazem bem. Tudo isso junto, levou o sujeito 2 a ter, até os dias de hoje, um sentimento de culpa pela separação, por achar que esta foi a melhor opção para ele, mas não para seus pais. Ele entra em conflito em relação ao que quer e ao que seria melhor para os pais e não procura fazer nada para mudar isso, o que nos mostra a sua dificuldade e ponderação nas decisões e atitudes.

Na experiência da separação, notou-se que o sujeito 2 utilizou o mecanismo de dessensibilização, e ainda utiliza-o até hoje. A primeira evidência deste mecanismo de bloqueio do contato se deu quando este sujeito passou a apresentar comportamento de fuga dos problemas para não ter que encarar o ambiente da separação. Ele se aproximou mais, neste momento, dos amigos e de outras pessoas, e passou a apresentar a sua característica de dependência em relação aos outros, pois não gostava de ficar sozinho. Atualmente, o sujeito fica preocupado, sente falta

do pai, porém, como sabe que não tem um bom relacionamento com ele, evita o contato com esses sentimentos, procurando não encontrar com o seu pai, recorrendo novamente à dessensibilização para evitar sofrimento. Aqui, percebemos que o sujeito se utilizou de sua característica de desprezar o outro quando se decepciona, mas não procurou fazer a sua costumeira auto-análise.

No sujeito 1, logo após a separação, notamos um reforçamento na tendência para o fechamento da fronteira do contato, evidenciada pelo fato dele ter sentido vergonha em relação à separação dos pais, e por esse motivo, ter se afastado das pessoas, se fechando ainda mais para dentro de si mesmo. No sujeito 2, neste mesmo período, foi observado uma mudança para a abertura do contato, por ele ter se aproximado mais das outras pessoas no sentido de fugir dos problemas que haviam no seu ambiente familiar.

Nos dois casos estudados, observou-se que, após a separação, os dois sujeitos passaram a guardar um forte medo em relação aos respectivos relacionamentos conjugais, o qual permanece até os dias atuais.

Vimos que, com a experiência da separação conjugal dos pais, podem ocorrer mudanças nos traços de personalidade dos filhos ou uma exacerbação da utilização desses traços, como uma forma de se defenderem das hostilidades vindas do meio.

Torna-se de grande preocupação essas conseqüências na vida dos filhos de pais separados, pois caso não venham a ser solucionadas, podem prejudicá-las muito no futuro. Caso eles não consigam superar os “traumas” trazidos pela separação, tendem a manter-se presos nessa experiência, apresentando comportamentos típicos da neurose. Pode ocorrer uma diminuição do contato com o meio e consigo mesmos, tornando-os confusos e inseguros, com dificuldade para identificar com clareza suas próprias necessidades. Além do que, deixarão de ser espontâneos e criativos, controlando-se para não cometer erros ou desagradar o outro. Suas vidas poderão ficar repletas de medos, dúvidas, incertezas, e situações inacabadas, impedindo-os de seguir adiante.

Ao longo deste trabalho a autora percebeu como a separação conjugal é um problema atual e de forte impacto emocional, social e econômico para as pessoas envolvidas. Foi observado que, na maioria das vezes, quando a decisão de separar-se é tomada pelo casal, este ainda não está preparado para enfrentar as conseqüências advindas deste processo. Os pais acabam perdendo o equilíbrio emocional neste momento, ficando pouco disponíveis para os filhos, já que não

conseguem resolver nem os próprios problemas. Os filhos ficam confusos, preocupados com o futuro, e podem até mesmo se sentir culpados pela separação dos pais.

Sabe-se, no entanto, que para os filhos nenhuma das duas opções são ideais. Eles tendem a se sentir insatisfeitos tanto num casamento tomado por conflitos, quanto com a separação.

Com isso, é importante haver um esclarecimento entre ambas as partes (pais e filhos) no que diz respeito à separação. Com base na revisão da literatura e nos relatos dos sujeitos, constatou-se que quando a separação é fruto de uma decisão unilateral, tomada de forma brusca, sem o devido preparo dos envolvidos, torna-se ainda mais complexa e árdua para toda a família. É necessário compreender que não é a separação em si a causadora de tantos efeitos negativos, mas a forma como esta é realizada. Os pais devem estar conscientes de que o que acaba é a relação marido-mulher, mas que eles permanecerão unidos para sempre devido às funções de pai e mãe. Por isso mesmo, devem se esforçar ao máximo para manter um vínculo amigável no intuito de não fazer de suas próprias vidas um pesadelo.

Nesta pesquisa encontrou-se a dificuldade de serem feitas afirmações quanto à personalidade dos sujeitos entrevistados devido ao pouco conhecimento da pesquisadora no que diz respeito às suas vidas, além do curto espaço de tempo para a realização das entrevistas. Outro empecilho foi a pouca quantidade de estudos teóricos nessa área, sendo a maioria de caráter quantitativo.

Sugere-se que sejam realizados mais estudos sobre este tema e que se possa dar continuidade à presente pesquisa, para que possamos ter certeza da existência de mudanças nos traços de personalidade dos filhos relacionadas à separação dos pais. Seria interessante, também, realizar um estudo com pessoas do sexo masculino que já tenham passado por essa experiência, já que podem haver diferenças no modo como vivenciam a separação dos pais.

APÊNDICE 1

TERMO DE AUTORIZAÇÃO

Eu, abaixo assinado, autorizo a estudante de psicologia Juliana Regina Avelar da Nóbrega a utilizar em sua monografia o conteúdo das entrevistas gravadas, que a ela concedi, desde que não seja revelada a minha identidade.

Brasília, 10 de setembro de 2003.

APÊNDICE 2

ROTEIRO DE ENTREVISTA

1. Seus pais são separados ?
2. Que idade você tinha quando os seus pais se separaram ?
3. Como aconteceu e como você vivenciou o processo da separação ?
4. De que maneira a separação de seus pais afetou a sua vida ?
5. Como é que era a sua vida antes e como ficou depois da separação ?
6. Que tipo de conseqüências você vê na sua vida hoje, que considera decorrentes da separação de seus pais ?
7. Como você encara a separação de seus pais hoje ?
8. Como são as suas perspectivas para a sua vida em termos de relacionamento conjugal ?
9. Qual a visão que você tem de casamento hoje ?
10. Você se considera uma pessoa perfeccionista no desempenho de seus papéis e tarefas ? Como ?
11. Como você se sente quando não consegue desempenhar bem uma tarefa ?
12. Você prefere fazer suas tarefas sozinha (o) ?
13. Você costuma pedir ajuda quando sente necessidade ?
14. Você gosta de ser solidária (o) com o outro ?
15. Você costuma ser exigente com você mesma e com os outros ?
16. Você se sente à vontade em situações novas ou com pessoas estranhas ?
17. Você costuma expressar suas idéias e sentimentos para outras pessoas ?
18. Você costuma controlar seus impulsos de raiva e choro ou explode e chora facilmente na presença de outras pessoas ?

19. Você costuma ser uma pessoa ponderada, discreta e controlada, procurando evitar qualquer tipo de descontrole ou impulsividade ?
20. Em geral, você tem dificuldade de mostrar para os outros suas carências, fraquezas e necessidades, para não se sentir vulnerável ou inferior diante deles ?
21. Como você se sente quando não consegue controlar seus impulsos ?
22. Você costuma se irritar mais facilmente com as pessoas mais íntimas ou com pessoas mais estranhas ?
23. Você gosta de ficar sozinha, de ter um tempo com você mesma ?
24. Você se considera uma pessoa mais voltada para dentro ou para fora de você mesma ?
25. Você reconhece suas qualidades ou é mais fácil reconhecer isso nos outros?
26. Você costuma valorizar demais o outro ?
27. Como é a imagem que você tem de você mesma ? Quais os aspectos positivos e negativos dessa imagem ? Quais deles prevalecem ? Numa escala de 0 a 10 dê uma nota para sua auto-estima.
28. Você tem medo de críticas ? O que você sente ao ser criticada pelo outro ? Até que ponto a opinião dos outros sobre você afeta sua auto-estima ?
29. Você costuma passar horas pensando a respeito de seus sentimentos, analisando seu comportamento e sua vida, remoendo o passado ou planejando o futuro ?
30. Você costuma se sentir em dúvida quando tem que fazer escolhas ou tomar qualquer tipo de decisão ?
31. Você costuma avaliar as conseqüências de suas atitudes ?
32. Você tem o hábito de se culpar quando as coisas dão errado em sua vida, ou geralmente você acha que a culpa é dos outros ou das circunstâncias ?
33. Você tem dificuldade para reconhecer seus erros ?
34. Você bloqueia sua espontaneidade para não se expor demais aos outros ?
35. Você se preocupa com a imagem que passa para os outros ? Você se cobra para corresponder às expectativas dos outros ?
36. Quando você se interessa por alguém, como costuma agir ?

37. No início de um novo relacionamento, você costuma se envolver, confiar e compartilhar logo sua intimidade com essa pessoa, ou você espera um tempo até que possa conhecê-la melhor ?
38. Em geral, você procura satisfazer as expectativas dos outros e espera que eles façam o mesmo com você ?
39. Quando você é abandonada ou se decepciona em seus relacionamentos, sua reação mais comum é desprezar e desvalorizar o outro, se afastando e dando a impressão que não precisa mais dele ? Ou é se culpar e pedir perdão, se humilhando e insistindo na relação, na esperança de que tudo vai ser diferente ?
40. Como você costuma se sentir quando está só, sem nenhum relacionamento com o sexo oposto ?
41. Você se considera uma pessoa emocionalmente dependente dos outros ?
42. Em geral, você se sente uma pessoa só e sofre por conta disso, ou você sente que, se quiser, pode ter sempre a companhia de alguém que lhe ama e lhe valoriza ?
43. Normalmente, você procura agüentar calada (o) sem reclamar, quando se sente injustiçada (o), prejudicada (o), ou frustrada (o) pelos outros ? Por quê ?
44. Em geral, você aceita opiniões e concorda facilmente com os outros ?
45. Você costuma aceitar a vida como ela é, sem tentar modificá-la ?

Referências Bibliográficas

- BARDIN, L. (1979). Análise de conteúdo. Lisboa: Edições 70.
- BOSCOLO, L., CECCHIN, G., HOFFMAN, L., PENN, P. (1993). A terapia familiar sistêmica de Milão: conversações sobre teoria e prática. (C. A. Molina-Loza e C. Sutter, trad.) Porto Alegre: Artes Médicas.
- CARTER, B.; MCGOLDRICK, M. et al. (1995). As mudanças no ciclo de vida familiar: uma estrutura para a terapia familiar. 2ª ed. (M. A. V. Veronese, trad.) Porto Alegre: Artes Médicas. (Trabalho original publicado em 1989).
- DIAS, C. M. (1994). Os distúrbios da fronteira de contato: um estudo teórico em Gestalt Terapia. Dissertação de mestrado, Universidade de Brasília. Brasília.
- GINGER & GINGER (1995). Gestalt: uma terapia do contato. (S. S. Rangel, trad.) São Paulo: Summus. (Trabalho original publicado em 1987).
- GIUSTI, E. (1987). A arte de separar-se: um guia para uma separação sem traumas antes, durante e depois. (R. de Filippis, trad.) Rio de Janeiro: Nova Fronteira. (Trabalho original publicado em 1984).
- GONZÁLEZ REY, F. L. (2002). Pesquisa qualitativa em psicologia: caminhos e desafios. (M. A. F. Silva, trad.) São Paulo: Pioneira Thomson Learning.
- GRANDESSO, M. A. (2000). Sobre a reconstrução do significado: uma análise epistemológica e hermenêutica da prática clínica. São Paulo: Casa do Psicólogo.

- HALEY, J. (1998). Aprendendo e Ensinando Terapia. (H. A. Mascarenhas, trad.) Porto Alegre: Artmed. (Trabalho original publicado em 1996).
- MALDONADO, M. T. (1987). Casamento: término e reconstrução. 3ª ed. Petrópolis, RJ: Editora Vozes.
- MARTINS, J., BICUDO, V. (1987). A pesquisa qualitativa em psicologia: fundamentos e recursos básicos. São Paulo: Editora Moraes.
- MINUCHIN, S., NICHOLS, M. P. (1995). A cura da família: histórias de esperança e renovação contadas pela terapia familiar. (M. A. V. Veronese, trad.) Porto Alegre: Artes Médicas. (Trabalho original publicado em 1993).
- NICHOLS, M. P., SCHWARTZ, R.C. (1998). Terapia familiar: conceitos e métodos. Porto Alegre: ArtMed.
- OSORIO, L. C. (1996). Família Hoje. Porto Alegre: Artes Médicas.
- RIBEIRO, J. P. (1997). O ciclo do contato: temas básicos na abordagem gestáltica. 2ª ed. São Paulo: Summus.
- RIBEIRO, M. A. (1989). Separação conjugal: o que os filhos acham e como se sentem. Estudos de Psicologia, 2, 25-40.
- RODRIGUES, H. E. (2000). Introdução à Gestalt-Terapia: conversando sobre os fundamentos da abordagem gestáltica. Petrópolis, RJ: Editora Vozes.
- SCHULTZ & SCHULTZ (1981). História da Psicologia Moderna. 9ª ed. (A. U. Sobral e M. S. Gonçalves, trad.) São Paulo: Ed. Cultrix. (Trabalho original publicado em 1969).
- SOUZA, R. M. (1998). Família, minha família, a família do papai, uma família sem papai e outros desafios à compreensão infantil. Psicologia Revista, 7, 11-31.

- SOUZA, R. M. (2000). Depois que papai e mamãe se separaram: um relato dos filhos. Psicologia: Teoria e Pesquisa, 16, 3, p.203-211.
- TELLEGEN, T. A. (1984) Gestalt e Grupos: uma perspectiva sistêmica. São Paulo: Summus.
- TENÓRIO, C. M. (2003). Os transtornos da personalidade histriônica e obsessiva-compulsiva na perspectiva da Gestalt Terapia e da Teoria de Fairbairn. Tese de Doutorado, Universidade de Brasília. Brasília.
- TEYBER, E. (1995). Ajudando as crianças a conviver com o divórcio. (C. Youssef, trad.) São Paulo: Nobel. (Trabalho original publicado em 1992).
- TIBA, I. (1995). Seja feliz meu filho !: como as expectativas dos pais podem favorecer ou prejudicar o crescimento do adolescente. São Paulo: Editora Gente.
- WAGNER, A., FALCKE, D. & MEZZA, E.B.D. (1997). Crenças e valores dos adolescentes acerca de família, casamento, separação e projetos de vida. Psicologia: Reflexão e Crítica, 10, 155-167.
- WALLERSTEIN, J. S., KELLY, J. B. (1998). Sobrevivendo à separação: como pais e filhos lidam com o divórcio. (M. A. V. Veronese, trad.) Porto Alegre: Artmed. (Trabalho original publicado em 1996).
- ZINKER, J. C. (2001). A busca da elegância em psicoterapia: uma abordagem gestáltica com casais, famílias e sistemas íntimos. (S. Augusto, trad.) São Paulo: Summus. (Trabalho original publicado em 1994).

